Universidade Católica de Brasília

Pró-reitora Acadêmica
Escola de Pós-graduação
Lato Sensu em Língua Inglesa
Trabalho de Conclusão de Curso

A REPRESENTAÇÃO CULTURAL LATINA: COMO A LÍNGUA ESPANHOLA É ABORDADA NO UNIVERSO DA LÍNGUA INGLESA NO CINEMA NORTE-AMERICANO

Autora: Hamille Pessoa Pinheiro
Orientadora: MSc. Michelle de Abreu Aio

Brasília - DF

2017

HAMILLE PESSOA PINHEIRO

A REPRESENTAÇÃO CULTURAL LATINA: COMO A LÍNGUA ESPANHOLA É ABORDADA NO UNIVERSO DA LÍNGUA INGLESA NO CINEMA NORTE-AMERICANO

Monografia apresentada ao curso de pós-graduação em Língua Inglesa da Universidade Católica de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do Título de Especialista em Língua Inglesa.

Orientadora: Michelle de Abreu Aio

Brasília

2017

Universidade Católica de Brasília

Monografia de autoria de HAMILLE PESSOA PINHEIRO, intitulada "**REPRESENTAÇÃO CULTURAL LATINA: COMO A LÍNGUA ESPANHOLA É ABORDADA NO UNIVERSO DA LÍNGUA INGLESA NO CINEMA NORTE-AMERICANO**", apresentada como requisito parcial para obtenção do certificado de Especialista em Língua Inglesa da Universidade Católica de Brasília, em 17 de fevereiro de 2017, defendida e aprovada pela banca abaixo assinada:

Profa. MSc. Michelle de Abreu Aio
Orientador
Especialização em Língua Inglesa – UCB

Prof. Dra. Alessandra Matias Querido
Examinador
Especialização em Língua Inglesa - UCB

Prof. Dra. Carolina Coelho Aragon
Examinadora
Especialização em Língua Inglesa – UCB

Brasília
2017

RESUMO

Referência: PINHEIRO, Hamille. A representação cultural latina: como a língua espanhola é abordada no universo da língua inglesa no cinema norte-americano. 2017. 58 páginas. Monografia (Língua Inglesa) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

Este trabalho tem como objetivo analisar como a cultura latina e a língua espanhola são abordadas dentro do cinema norte-americano. Esta análise é feita através dos filmes: “Vicky Cristina Barcelona”, “A Mexicana”, “O Exterminador do Futuro: O Julgamento Final”, “Evita”, “A Mentira”, “Cada Um Tem a Gêmea que Merece”, “Che”, “Scarface”, “Toy Story”, “Espanglês”, “E Agora Meu Amor?” e do seriado “Modern Family”. Estes filmes mostram os atores latinos em diversas situações de preconceito e constrangimentos. Os conceitos utilizados discorrem sobre a história do cinema norte-americano, a relevância da língua inglesa no mundo, a presença dos latinos nos Estados Unidos e nos filmes e a representação cultural latina, definições as quais nos ajudam a compreender tal fenômeno. É notório que, muitas vezes, o cinema norte-americano refere-se ao espanhol e aos latinos de forma depreciativa em seus filmes causando indignação dos artistas e de toda a sociedade latina. Com essa discriminação no cinema perpetua-se um abismo cada vez maior entre as duas culturas dentro da sociedade norte-americana, onde o povo latino forma a maior comunidade no país. Todo esse problema resulta em ônus cruel para os latinos não só no cinema, mas também em sua convivência na sociedade norte-americana.

Palavras-chave: Cinema norte-americano. Latino. Cultura. Preconceito.

ABSTRACT

Reference: PINHEIRO, Hamille. A representação cultural latina: como a língua espanhola é abordada no universo da língua inglesa no cinema norte-americano. 2017. 58 pages. Term Paper (English Language) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

This work aims for analyzing how Latino culture and the Spanish language are approached in the American filmmaking. This analysis is carried out through the movies: “Vicky Cristina Barcelona”, “The Mexican”, “Terminator 2: Judgement Day”, “Evita”, “Easy A”, “Jack and Jill”, “Che”, “Scarface”, “Toy Story”, “Spanglish”, “Fools Rush In” and the sitcom “Modern Family”. These movies disclose Latino actors in many situations of prejudice and embarrassment. The concepts that are used argue about the American movies history, the English language relevance in the world, the Latino presence in the Unites States and in the movies and the Latino cultural representation, definitions that help us understand such phenomenon. It is noticeable that many times the American movies refer to Spanish language and Latinos in a derogatory way causing indignation of the artists and of all Latino society. This discrimination in the movies perpetuates a huge abyss between both cultures in the American society, where the Latino community is the biggest in the world. This problem results in cruel burden for Latinos in the movies and in the American society.

Keywords: American movies. Latino. Culture. Prejudice.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO…….....…….....06
1. **O CINEMA NORTE-AMERICANO**…….....07
1.1 PANORAMA HISTÓRICO……...…….....07
1.2 O IMIGRANTE NO CINEMA…….....10
1.3 A PRESENÇA DO LATINO-AMERICANO NO CINEMA…….....…14
2. **A LÍNGUA INGLESA E O CINEMA NORTE-AMERICANO**…….....…17
2.1 REPRESENTAÇÃO CULTURAL…….....….....19
2.2 IRONIA E SARCASMO…….....22
3. **A PESQUISA**…….....25
4. **A ANÁLISE**…….....28
CONSIDERAÇÕES FINAIS…….....52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....54

Introdução

É irrefutável que a cultura norte-americana tem influenciado profundamente o padrão da linguagem em todo o mundo e isso deve-se, enormemente, ao segmento cinematográfico dos Estados Unidos. O cinema norte-americano tem exportado seu padrão cultural e linguístico através de seus filmes desde os anos de 1920, quando começaram a ser produzidos os primeiros filmes falados, e isso resultou na alteração do comportamento sociolinguístico das pessoas em grande parte do mundo.

Hoje, a cultura norte-americana, incluindo a língua inglesa, está profundamente ligada ao ideal de soberania e poder dos Estados Unidos, e tal dimensão foi construída ao longo do século XX por meio de diversas esferas como a política, a economia, a tecnologia, o esporte, a cultura, etc. As políticas econômicas e sociais estruturadas e bem desenvolvidas fizeram o país expandir-se como nenhum outro na história recente da humanidade.

Com todo esse crescimento, os norte-americanos dividiram o planeta em "América" e o "restante do mundo", e estabeleceram o seu tão famoso e desejado *American Way of Life*, que foi, sistematicamente, observado, cobiçado e copiado pelas outras sociedades. Em sua explicação sociocultural do porquê a língua inglesa foi a escolhida, Crystal (2003, p. 30) diz que as pessoas passaram a depender da língua inglesa para seu bem-estar social econômico:

> A língua inseriu-se profundamente nos campos internacionais da vida política, negócios, segurança, comunicação, entretenimento, mídia e educação. A conveniência de se ter uma língua franca disponível para servir as relações humanas globais e suas necessidades é apreciada por milhões[1].

Os padrões sociais norte-americanos conquistaram o mundo à medida que exportavam seu ideal socioeconômico baseado na liberdade e no capitalismo. Os outros países passaram a vê-los como modelo em todas as esferas, mas nenhuma dessas esferas foi tão almejada quanto a cultura norte-americana, um símbolo de força e desenvolvimento que não é visto nas outras nações.

---

[1] *The language has penetrated deeply into the international domains of political life, business, safety, communication, entertainment, the media and education. The convenience of having a lingua franca available to serve global human relations and needs has come to be appreciated by millions.*

A cultura norte-americana deslumbrou o mundo através da arte e do entretenimento feitos de forma única. O cinema, a música, os seriados de televisão, o teatro, a moda, etc. causaram grande impacto na indústria artística já em meados do século passado, e influenciaram gerações.

Dentro desta multiplicidade de ambientes férteis e promissores, o cinema foi um dos principais expoentes dessa transformação cultural no mundo criando uma nova categoria de fantasias e mitos e, claro, implicitamente, divulgando seus valores socioculturais que, de alguma forma, sempre estiveram presentes, nos filmes.

Neste contexto, a língua inglesa popularizou-se e tornou-se referência mundial, a língua franca[2] no mundo do cinema. Filmes em inglês traziam ao público uma percepção "glamourizada" da vida ideal. Não resta dúvida de que a indústria cinematográfica norte-americana ajudou a língua inglesa a se tornar uma língua associada ao progresso e a uma produção artística de prestígio. Porém, além da língua inglesa, outras línguas também fizeram parte do cinema desde seus primórdios. Esse multilinguismo é resultado de um intenso processo imigratório ocorrido, principalmente, nos séculos XIX e XX, quando europeus, asiáticos, latinos foram para os Estados Unidos levando diversos valores culturais e sociais para o processo de colonização. Assim, muitos segmentos foram influenciados por várias culturas e, dessa mesma pluralidade, Hollywood foi erguida. Hoje, descendentes dos colonizadores e até mesmo novos imigrantes tentam preservar suas origens de várias formas, dentre elas, através da língua, o que acaba gerando diversos problemas para a sociedade norte-americana. Um desses problemas é a marginalização de grupos étnicos que acaba gerando um preconceito que atinge a todos do grupo e impede que eles consigam desenvolver-se na sociedade agravando ainda mais a situação. Esse problema é refletido no cinema. Quando se fala em grupos étnicos nos Estados Unidos, logo os associamos aos latinos, que é a maior comunidade racial no país. Porém, é um grupo mal representado no cinema e mal visto na sociedade.

Dessa forma, o presente trabalho analisa esse fenômeno sociocultural do cinema norte-americano e como a representação latina é abordada em seus filmes sob o ponto de vista cultural e linguístico.

---

[2] *People who speak different languages who are forced into contact with each other must find some way of communicating, a lingua franca* (WARDHAUGH, 2010: 65*).*

1 - O cinema norte-americano

O cinema norte-americano é um dos maiores responsáveis por promover a cultura dos Estados Unidos para o resto do mundo. Os norte-americanos têm criado, por meio de seus filmes, uma forte comunicação cultural que atinge milhões de pessoas no mundo inteiro. Eles não foram os criadores da sétima arte, o cinema se originou na Europa, no final do século XIX, mais precisamente na França. Uma das primeiras exibições de um filme com uma câmera cinematográfica foi feita em Paris pelos irmãos Lumière em 1895. O filme era o “L’arrivée du Train” (A Chegada do Trem na Estação), mas foi com o estabelecimento de Hollywood que o cinema ganhou a importância que vemos hoje (ZONE, 2014).

Hollywood é uma verdadeira instituição, uma fábrica de sonhos que vem influenciando várias gerações desde o início do século XX, transformando seus filmes em poderosos instrumentos de divulgação, não só de sua indústria cinematográfica em si, mas também de sua política, economia, linguagem, música, religião, esporte, etc.

Dessa forma, vemos no cinema norte-americano a identidade cultural dos americanos e, consequentemente, esta identidade cultural é repassada e absorvida por outras culturas de forma subliminar, afetando sutilmente nossas vontades e escolhas.

1.1 Panorama histórico

De acordo com Sklar (1994), o cientista e inventor francês Etienne-Jules Marey e o fotógrafo norte-americano Eadweard Muybridge foram os precursores do cinema moderno. Tanto Marey, em Paris, quanto Muybridge, na Califórnia, trabalhavam na solução de seus próprios problemas. Marey tentava reproduzir visualmente, através de gráficos, os movimentos humanos e dos animais em uma paisagem, e testou seus métodos por mais de dez anos quando finalmente, em 1878, ele obteve sucesso. Seu êxito se deu quando ele viu publicado em uma revista científica fotos de cavalos em movimento feitas por Muybridge, que era parecido com o que ele estava tentando fazer.

Marey inspirou-se nas fotos do norte-americano para ir além. De acordo com Braun (1994), Marey não queria que sua imagem fosse feita com cada movimento

sendo capturado isoladamente como fez Muybridge, que, inclusive, usava várias câmeras para isso, ele queria que todos os movimentos acontecessem de forma contínua e simultânea na mesma imagem e, ainda, usando seus próprios métodos gráficos. Assim, em 1882, ele usou a câmera, que ele mesmo havia criado para suas imagens, de uma forma diferente. Marey conseguiu, de forma inédita, capturar as fases do movimento em curso e espalhá-las na chapa fotográfica em segmentos ondulantes, definindo novos padrões para a fotografia, crucial para o cinema. E, mesmo depois disso, ele continuou trabalhando para captar movimentos mais complexos.

Outro importante cientista que também esteve envolvido nos primórdios da história do cinema foi Thomas Edison. O inventor que, além de criar a lâmpada, também foi o responsável pela criação do fonógrafo (vitrola) e ajudou seu assistente, o engenheiro William Dickson, na invenção da primeira câmera cinematográfica, o cinetoscópio. Trata-se de um instrumento originado da junção da câmera fotográfica e o seu próprio fonógrafo com o objetivo de sincronizar a imagem em movimento com o som. Esse aparelho foi a base para a criação do projetor de cinema (ZONE, 2014).

Ainda de acordo com Zone (2014), por volta de 1895, já havia outros inventores competindo com Edison, inclusive Dickson, que havia deixado Edison em 1895 para abrir seu próprio laboratório. Nesse mesmo ano, Edison já havia criado outro instrumento mais evoluído, o Vitascópio, um projetor de filmes para a exibição de curtas-metragens de vaudeville[3] em salas de concerto de Nova Iorque. Musser (1990) explica que, nessa época, os filmes eram bem curtos, em torno de 20 segundos e eram filmes feitos por homens, de homens e para homens. Eram filmes de luta, brigas de galo, mulheres dançando e filmes criticando a política e as religiões. Um exemplo de filme da época foi Carmencita (1894), com uma dançarina espanhola de mesmo nome que se tornou uma estrela na época, mostrando não só uma mulher no cinema, mas, também, uma hispânica. Vários inventores trabalhavam para trazer ao público filmes em projetores. Até então, os filmes, que eram no máximo de trinta segundos, eram vistos individualmente por uma abertura dentro de uma caixa de madeira. Contudo, em maio de 1895 houve a primeira exibição projetada para o público nos Estados Unidos. O filme de uma luta de boxe de quatro minutos foi feito por um projetor chamado Eidoloscópio criado por Woodville Latham e sua família (ZONE, 2014). Com

[3] Teatro de variedades muito popular no fim do século XIX.

o início dos projetores de cinema, a indústria passou a priorizar a produção de filmes, deixando os tempos de máquinas para trás. Nas palavras de Gaudreault (2009, p. 12): “em termos contemporâneos, nós podemos descrever isso como uma ênfase gradual no *software* (filmes) e não mais no *hardware* (câmeras e projetores)”.

Zone (2014) explica que, por volta de 1897 a indústria do cinema havia se estabelecido como uma fonte de entretenimento e uma grande produção e exibição de filmes. O público estava encantado como os filmes conseguiam, mesmo sem som e em preto e branco, criar as mais diversas cenas tal como acontece na vida real. Ainda segundo Zone (2014) as pessoas compareciam cada vez mais às exibições e, com isso, mais teatros eram abertos para comportar o público; além dos teatros, os filmes também continuavam sendo exibidos em feiras e circos. Com o crescimento da indústria dos filmes, por volta de 1909, outros gêneros começaram a ser criados, como faroeste, ação e suspense e, consequentemente, crescia também a demanda por técnicos de luz, equipamentos, local para filmagens e atores.

Dessa forma, Hollywood, um bairro de Los Angeles na Califórnia, fundado em 1903, parecia o lugar ideal pelo clima agradável, pelas praias e pelos diversos cenários naturais para o futuro das produções cinematográficas, que, até então, eram concentradas em Nova Iorque. Assim, em 1913, o primeiro grande estúdio de Hollywood foi fundado, a Paramount, seguidos por outros grandes estúdios, com o objetivo de produzir histórias e exibi-las para o público (ZONE, 2014).

1.2 - O imigrante no cinema

Apesar de todos os percalços que existem em ser um estrangeiro em Hollywood, os imigrantes estão presentes desde os primórdios das produções cinematográficas nos Estados Unidos, assim, nem só de norte-americanos vivia o cinema.

A multilinguista sociedade norte-americana sempre contou com a ajuda de imigrantes para construir sua nação, expandir a economia e para tornar-se um país cada vez mais desenvolvido. Depois da colonização britânica e irlandesa no século XVII, outros imigrantes europeus e de várias partes do mundo, foram em massa para os Estados Unidos, fugindo da guerra, da fome ou apenas procurando condições melhores de vida.

O cinema, como vários outros ramos do entretenimento, ganhou uma enorme contribuição provinda desses imigrantes que ajudaram a construir os alicerces da indústria cinematográfica norte-americana. De acordo com Croce (2016), franceses e italianos, por exemplo, já faziam grandes filmes e suas produções eram as mais importantes da Europa até a Primeira Guerra Mundial, enquanto o cinema norte-americano estava defasado. Após a Grande Guerra, que deixou a Europa em flagelos, muitos atores, cinegrafistas, diretores, fotógrafos, técnicos de diversas áreas, etc. foram para os Estados Unidos e usaram seus conhecimentos nos experimentos de uma incipiente Hollywood e quanto mais a indústria crescia, mais gente era necessário para tornar as produções possíveis.

Dessa forma, os filmes passaram a ser compostos por um elenco de diversas nacionalidades e, com o surgimento do cinema falado em 1927, diversos sotaques também. Porém, esses atores estrangeiros interpretavam, quase sempre, personagens secundários por causa de sua origem e modo de falar. Assim, como no período colonial norte-americano, os britânicos consideravam os então imigrantes irlandeses e alemães inferiores, o mesmo tipo de discriminação parecia acontecer novamente no cinema.

A partir dessas diferenças étnicas e culturais os estereótipos surgiram em Hollywood. Os imigrantes são reduzidos as suas nacionalidades e discriminados pela cor da pele, pelos costumes, pela língua, etc. O' Leary (2014, p. 263) descreve como é a realidade de um imigrante nos Estados Unidos:

> […] os imigrantes não são vistos como competentes ou pessoas coerentes com ideias além de sua própria etnicidade, cultura e nacionalidade, mas sim como símbolo de uma minoria categorizada como sem educação e trabalhadores mal remunerados. Apesar de essas serem algumas verdades sociais e históricas de estereótipos (imigrantes com dificuldades em falar inglês, sub-empregos, aculturação, etc.), a falta de outras imagens de imigrantes perpetua e consolida qualquer preconceito que possa estar presente na sociedade contra os imigrantes. Mesmo um estereótipo neutro, quando inquestionado, torna-se predominante sobre os outros, impressões menos disponíveis de uma categoria de pessoas[4].

[4] *[...] immigrants are not seen as competent or well-rounded people with ideas their own ethnicity, culture, and, citizenship status, but rather as tokens of a minority categorized as uneducated, low-wage workers. Despite there being some social and historical truth to these stereotypes (immigrants do struggle with English, low-wage jobs, acculturation, etc.), the lack of other images of immigrants perpetuates and hardens any prejudice that may unchallenged, becomes prevalent over other, less-available impressions of a category of people.*

A questão do estereótipo é muito forte na mente das pessoas, é ele que define onde encaixamos a informação que recebemos todos os dias. Se uma pessoa é boa ou má, por exemplo, isso vai depender de como essa informação foi processada ao longo do tempo em nossa mente do que é ser uma pessoa boa e má. Quando vemos um afrodescendente, já o categorizamos imediatamente em para o bem ou para o mal. Se vemos um japonês, fazemos o mesmo, o associamos com toda a informação que já temos desse grupo mentalmente construída em nossa experiência. Se, ainda, tivemos alguma experiência negativa com um imigrante Polonês, por exemplo, podemos facilmente desenvolver um bloqueio a tudo que diz respeito a Polônia.

De acordo com Feldman (2015), essa impressão automática que temos do que acontece ao nosso redor é baseado em um estereótipo com o objetivo de super-simplificar o mundo. Nas palavras de Feldman (2015, p. 549): “estereótipo é um conjunto de crenças generalizadas e expectativas acerca de um grupo específico e seus membros”.

Apesar de que os estereótipos podem ser positivos, geralmente eles são usados para uma classificação negativa dos grupos. Essa classificação negativa é o que dá origem, muitas vezes, à discriminação que é a repulsa ao indivíduo baseada na visão negativa do grupo ao qual ele pertence (FELDMAN, 2015).

Holtzman e Sharpe (2014) dizem que o estereótipo organiza a informação com base na repetição de imagens, normalmente negativas. Ainda de acordo com os autores, quanto mais simples uma personagem ou tema for, mais provável de ele ser estereotipado, quanto mais complexo for, a probabilidade de categorização será menor.

No cinema, os estereótipos são muitos comuns, nas mais diversas situações, para atrair a atenção do público. O autor pode estereotipar tipo físico de uma pessoa ou uma característica da personalidade do indivíduo para que possamos pensar sobre elas com mais facilidade (MYERS, 2014).

Com a imigração nos Estados Unidos e a inserção desses imigrantes no cinema, os estereótipos desses estrangeiros popularizaram-se nos filmes. Essas categorizações foram feitas de acordo com os conhecimentos - imagens socialmente construídas - que os norte-americanos tinham sobre aquelas pessoas na época. Assim, quando um papel era dado a um ator imigrante em um filme, normalmente este era associado à sua nacionalidade, extraindo dele características muitas vezes exageradas comuns do grupo o qual ele pertencia.

Os italianos, por exemplos, sempre foram muito caricatos no cinema, seu estereótipo é antigo e permanece até hoje. Os italianos, com sua personalidade marcante, foi um dos grupos que mais contribuiu com o cinema norte-americano, contudo, também, foi um dos mais estereotipados do cinema. Filmes como a trilogia de “O Poderoso Chefão” (1972, 1974 e 1990), “Os Intocáveis” (1987) ou “Os Bons Companheiros” (1990) são todos filmes dirigidos por diretores ítalo-americanos que enaltecem a Máfia, reforçando o estereótipo do italiano mafioso.

Já os franceses têm uma imagem mais glamourosa de sua cultura. Hollywood construiu um estereótipo do francês, dentre outros, pelo filme “Gigi” (1958). Este filme foi, por muitos anos, um dos maiores responsáveis pela imagem que temos dos franceses hoje em dia. “Gigi” tem como personagem central uma francesa sedutora que dança e canta de forma elegante, que por sinal, ainda é a marca registrada dos franceses. “Gigi” é criação de Hollywood, é sobre como os norte-americanos imaginam a França e a mulher francesa e, sobretudo como é Paris, mostrada como uma cidade perfeita. Embora, o filme seja baseado nos valores norte-americanos (NOCHIMSON, 2011). Nas palavras do autor: “[...] Gigi é uma fantasia americana da França que a imagina como um lugar cheio de champanhe, romance e amor[5]”. Outro estereótipo popular em Hollywood é o do asiático lutador de artes marciais. Os asiáticos já são mais complexos por si só quanto à grande quantidade de seus grupos e a semelhança (sob a ótica do ocidental) de seus atributos físicos e, claro, sem contar, a grande diversidade sociocultural que cada grupo possui.

Quando vemos um asiático interpretando seu principal estereótipo em Hollywood - o ninja - geralmente não sabemos se ele é japonês, chinês, vietnamita, honconguês, etc. povos estes diferentes entre si e, assim como o público, Hollywood também não os distingue em seus filmes, isso faz, muitas vezes, com que a identidade e a cultura de cada povo não sejam respeitadas diante do público norte-americano. Ou seja, no caso do ator asiático, além do estereótipo do lutador, existe o problema da nacionalidade. Contudo, no caso dos asiáticos, esses estereótipos antigos como o de Bruce Lee e suas artes marciais está mudando porque os asiáticos estão levantando suas vozes em Hollywood (ZINZIUS, 2005).

---

[5] *[...] Gigi is an American fantasy of France that imagines it as a place full of champagne, romance, and love.*

Assim, vemos que essa questão do multilinguismo e da multidiversidade cultural no cinema sempre foi discutida por essas minorias e por vários outros grupos de imigrantes em Hollywood, um debate que se arrasta desde o período colonial devido ao grande processo imigratório. Com o passar do tempo, a miscigenação entre ingleses colonizadores e os outros povos europeus foi acontecendo e os que eram, outrora, imigrantes, passaram a ser norte-americanos. A situação de "estrangeiro" dos europeus dissolveu-se na sociedade norte-americana com o passar do tempo e das gerações, mesmo porque eles eram brancos e europeus, ou seja, eram da cor "certa" e vieram de um continente economicamente desenvolvido. A questão da cor do imigrante sempre foi um dos principais pontos de discussão, de acordo com Bernardi (2007, p. 132): "Brancura multicultural é uma forma de passagem, não passagem racial, mas *passagem nacional*[6]". Já com os latino-americanos essa facilidade de inclusão à sociedade norte-americana não aconteceu e isso fica muito claro em Hollywood.

1.3 - A presença do latino-americano no cinema

Os Estados Unidos sempre tiveram uma longa tradição de imigração, a sociedade norte-americana sempre contou com a ajuda de imigrantes para construir seu país, expandir a economia e para tornar-se um país cada vez mais desenvolvido. Depois da colonização britânica, imigrantes de várias partes do mundo foram em massa para os Estados Unidos, fugindo da guerra, da fome ou apenas procurando condições melhores de vida. Entre esses imigrantes estavam os latinos.

A situação dos latino-americanos nos Estados Unidos tem sido desfavorável ao longo do tempo, eles sempre sofreram com a discriminação por causa de sua origem, (normalmente de países pobres) e, diferentemente dos europeus, há a questão da cor da pele. Aysa-Lastra e Lorenzo (2015) explicam que a cor da pele dos imigrantes latinos é a primeira e mais evidente barreira que eles enfrentam para sua aceitação na sociedade. Além do mais os imigrantes latinos, por consequência dessa barreira imposta pelos norte-americanos, acabaram criando fortes comunidades resistentes à

[6] *Multicultural whiteness is a form of passing, not racial passing, but national passing.*

assimilação da língua e cultura norte-americanas. Huntington (2009) explica em seu artigo[7]:

> A persistente entrada dos imigrantes Hispânicos ameaça dividir os Estados Unidos em dois povos, duas culturas e duas línguas. Diferente dos antigos grupos de imigrantes, mexicanos e outros latinos não tem conseguido assimilar a cultura dominante dos EUA, formando seus próprios enclaves políticos e linguísticos[8].

Assim, desde que os primeiros grupos de imigrantes latinos (mexicanos) chegaram aos Estados Unidos, ainda na primeira metade do século XIX, eles têm sido tratados de forma discriminatória e opressiva. Como Cobas, Duany e Feagin (2015, p. 4) descrevem: "a estrutura racial dos americanos brancos logo classificou todos os mexicanos como um povo racialmente inferior que não conseguiam governar eles próprios[9]". O governo deixava claro que não queria imigrantes latinos ou qualquer outra raça "mestiça" que considerava inferiores. Apesar de toda essa questão imigratória e suas consequências negativas para os latinos, isso não impediu que, na segunda metade do século XIX, houvesse um processo imigratório em massa para os Estados Unidos. Os latinos foram dispondo-se em comunidades para se protegerem da discriminação da sociedade, criando, assim, uma espécie de sub-sociedade para se sentirem menos vulneráveis socialmente. Entretanto, essa separação acaba refletindo em todas as áreas, inclusive no cinema. Assim como os latinos ficavam com os piores empregos na sociedade, também ficavam com os papéis secundários nos filmes. Isso se dava, claramente, por duas razões principais - a cor da pele e o sotaque espanhol, este último já muito caricato nos Estados Unidos.

A língua espanhola tem sido uma barreira para os latinos nos Estados Unidos e mesmo que, hoje, a língua exerça uma grande influência entre os norte-americanos, o multilinguismo[10] ainda é muito debatido no país, especialmente, dentro da indústria cinematográfica. Os atores latinos sofrem discriminação por falar espanhol ou simplesmente por ter origem latina e, é sabido que os norte-americanos não assistem

---

[7] Disponível em: "http://foreignpolicy.com/2009/10/28/the-hispanic-challenge/". Acesso em: 20 de agosto de 2016.

[8] *The persistent inflow of Hispanic immigrants threatens to divide the United States into two peoples, two cultures, and two languages. Unlike past immigrant groups, Mexicans and other Latinos have not assimilated into mainstream U.S. culture, forming instead their own political and linguistic enclaves.*

[9] *"The white Americans' racial frame soon classified all Mexicans as a racially inferior people who could not govern themselves".*

[10] O estudo do multilinguismo engloba o estudo dos sistemas de linguagens em contato, as funções das linguagens da sociedade, os grupos ou comunidades em contato e o discurso de indivíduos usando mais de uma linguagem (COULMAS, 1998, p. 206).

a filmes com legendas (CRONIN, 2009). Dessa forma, os atores latinos precisam aprender a falar inglês para conseguirem papéis em Hollywood e isso resulta em uma variável da língua inglesa, um inglês com sotaque espanhol que é prontamente captado e rejeitado pelos estadunidenses. O resultado disso é a não aceitação de filmes estrangeiros e a pouca ênfase dada aos atores de origem hispânica nos filmes. Essa intolerância por parte da sociedade norte-americana com os filmes multilinguistas gera insegurança por parte dos grandes estúdios em escalar atores latinos, aumentando ainda mais o problema. Nesse sentido, uma interessante observação sobre a questão inglês-espanhol é feita por Ramos-García (2002, p. 07):

> Em relação ao bilinguismo, os Estados Unidos são, talvez, o único país no mundo onde falar duas línguas não é uma vantagem, mas, sim, quase um estigma, especialmente se uma dessas línguas é o espanhol.

Uma pesquisa[11] realizada pela Universidade de Columbia sobre a falta de latinos na mídia revela que a situação está ainda mais desfavorável hoje do que estava nos anos 1950. Existem, hoje, nos Estados Unidos 53 milhões de latinos, ou seja, 17% da população é de origem hispânica, mas os papéis de protagonista ocupados por latinos correspondem a apenas 1,4%. Em 1950, os latinos correspondiam a 2,8% da população e havia mais atores latinos em papéis principais nos filmes do que nos dias atuais, de acordo com a pesquisa era 1,7%. A presença latina em Hollywood é realmente pequena, os atores têm acesso a poucos papéis e, ainda menos, aos papéis de destaque. Um outro problema muito comum é o tipo de personagem que os latinos interpretam, são papéis de traficantes, ladrões, sequestradores, etc., e quando não são papéis de criminosos, são de motorista, balconista, porteiro ou qualquer personagem que, muitas vezes, não é nem creditado. Quando ocorre de um ator latino ter um papel de um médico ou um empresário bem-sucedido, uma outra questão surge: a língua.

O sotaque espanhol não passa despercebido, ele é notado e, muitas vezes, ridicularizado de forma sutil. Os atores de origem hispânica, em sua maioria, mantêm o sotaque espanhol por opção ou precisam ter o sotaque por exigência da

---

[11] A pesquisa *The Latino Media Gap: A Report on the State of Latinos in US Media* foi elaborada por NEGRÓN-MUNTANER, Frances da Universidade de Columbia e publicada em 2013. Disponível em: https://pmcdeadline2.files.wordpress.com/2014/06/latino_media_gap_report-wm.pdf

personagem. Um exemplo é a atriz colombiana Sofia Vergara, ela é o típico estereótipo de mulher latina que Hollywood perpetua: exótica e com o sotaque engraçado. No seriado “Modern Family” (2009), qualquer fala dela é motivo de riso e nem sempre é pelo conteúdo da conversa, e sim pela forma que ela fala. A atriz tem um sotaque único e isso é extremamente explorado no programa, sempre de forma caricata.

Ramos-García (2002, p. 7) mostra um trecho da peça de Edith Villarreal “My Visits with MGM*”* (1992) que evidencia o sentimento da personagem que carrega o sotaque espanhol:

> Marta Feliz: *Bem, quando as pessoas falam comigo em Espanhol, sabe, se eu não responder em Espanhol perfeitamente, sabe…*
> Marta Grande: *Te chingan.*
> Marta Feliz: *Mas aí quando eu falo inglês, os gringos me humilham. Amá, na escola, eles acham que eu sou culturalmente pobre. Como eu posso ser culturalmente pobre com duas línguas? Tá mais para um fardo cultural pra mim.*

Os filmes, também, quase sempre mostram os latinos como imigrantes recém-chegados ao país, em situação ilegal e fazendo parte de uma pequena minoria. Entretanto, ainda de acordo com a pesquisa da Universidade de Columbia[12] (2013), a comunidade latina é a maior dos Estados Unidos e também a que mais cresce, muitos latinos estão há gerações no país e, muitas vezes, só falam inglês. Mas essa não é a forma como os norte-americanos enxergam os hispânicos, e isso deve-se, em grande parte, à influência dos filmes. O cinema é um poderoso e tradicional meio de referência no mundo todo, se algo é mostrado nos filmes, as pessoas tendem a seguir, muitas vezes, de forma inconsciente. Um exemplo é o famoso termo *Latin Lover,* amplamente explorado por Hollywood, como no filme “Latin Lovers” (1953). Atores latinos eram constantemente escalados para representar o estereótipo de homem extremamente sedutor, e isso foi tão forte na época que até hoje o termo é usado.

Dessa forma, não há um real espaço para os atores latinos, e quando há, é um espaço restrito a determinadas categorias que exaltam a posição submissa do latino na sociedade norte-americana.

---

[12] Ver nota de rodapé 6.

2 - A língua inglesa e o cinema norte-americano.

O status que a língua inglesa tem deve-se a diversos fatores, a diferentes áreas e a um longo processo de disseminação. De acordo com Algeo (2010, p. 183) o inglês é a língua mais importante e mais influente da atualidade:

> Sua influência é exercida através dos filmes, televisão, música popular, Internet, controle aéreo, comércio, publicações científicas, economia, militarismo e as atividades dos Estados Unidos nas relações mundiais[13].

A língua inglesa tem uma posição especial dentre as línguas, é uma língua franca que domina a política, a economia, as mídias, etc. Apesar de não se saber ao certo o momento em que o inglês se tornou tão importante, hoje ele é a língua mais falada no mundo todo, é a língua da comunicação que cria laços entre os povos.

Crystal (2003) explica que uma língua consegue esse status quando ela desenvolve um papel especial reconhecido em todos os países. Além disso, a importância global de uma língua não se define pelo número de pessoas que o falam, mas sim pelo número de países que usam a língua oficialmente. “A razão de uma língua se tornar uma língua global tem pouco a ver com o número de pessoas que a utilizam. Tem mais a ver com quem são essas pessoas” (CRYSTAL 2003, p. 7). Assim sendo, sabemos que os Estados Unidos - atualmente o país mais poderoso do mundo em termos de economia, política, etc. - tem o inglês como língua nativa, ou seja, a influência que um país exerce é muito maior do que os falantes da língua ao redor do mundo.

Constatando o que está exposto acima, temos o exemplo do Mandarim, língua mais falada do mundo[14] com mais de um bilhão de pessoas em países como China, Hong Kong, Singapura, Taiwan, etc. e mesmo assim não é uma língua que exerce influência política, econômica ou cultural no restante do mundo. Quando se afirma que quem fala a língua é o que conta, fica claro que este poder que os Estados Unidos têm acaba exercendo grande influência no desenvolvimento da língua inglesa e no

---

[13] *Its influence is excerted through films, television, popular music, Internet, air travel and control, commerce, scientific publications, economic and military assistance and activities of the United States in world affairs.*

[14] Estima-se hoje que a família da língua chinesa reúne cerca de 1,2 bilhão de pessoas, das quais 850 milhões falam o chinês mandarim. Esse número ultrapassa qualquer outra língua falada no mundo (COUTO, 2008).

que ela se tornou. Nesse contexto, a cultura faz parte dessa influência, por meio da arte, da música e, também, do cinema. Essas expressões culturais espalham-se mundo afora em uma velocidade enorme atingindo centenas de milhões de pessoas e afetando profundamente suas vidas, muitas vezes, intervindo na construção da personalidade dos indivíduos. Assim, o cinema vem atraindo e influenciando o público há décadas, direta ou indiretamente, e devido a esses filmes a influência da língua inglesa tornou-se ainda maior.

É notável que a maioria das grandes produções é feita em inglês e, às vezes, o filme não é de produção norte-americana, mas a língua usada é o inglês. Por exemplo, a língua pode estar presente em uma propaganda de algum produto, em alguma expressão idiomática, em uma referência cultural ou qualquer outra menção que nos faça lembrar dos Estados Unidos e da língua inglesa.

O cinema é um dos mais fortes e eficientes meios de divulgação da língua porque trata-se de entretenimento e as pessoas absorvem mais o conteúdo nesse contexto. O público se identifica com as personagens em algum nível e querem ter as mesmas coisas que elas, querem comportar-se com o elas, ou seja, em algum momento podem querer falar como elas e, para isso, vão precisar aprender a língua.

> A influência dos filmes sobre a plateia [sic] é incerta, mas muitos observadores concordam com o ponto de vista do diretor Wim Wenders: ‘as pessoas cada vez mais acreditam no que elas veem e compram o que elas acreditam… Pessoas usam, dirigem, vestem, comem e compram o que elas veem nos filmes’. Se isso é verdade, então o fato de que a maioria dos filmes é feito em inglês deve certamente ser significante, pelo menos, no longo prazo[15]. (CRYSTAL, 2003, p. 100)

Muitos métodos de ensino de inglês, inclusive, são baseados em filmes com o objetivo de treinar o entendimento dos estudantes justamente porque é um método mais fácil para eles.

Dessa forma, e ainda sob essa ótica, o cinema, neste contexto, move a língua inglesa. Assim, vemos a influência que uma língua pode ter na vida das pessoas e como os filmes estão ligados a essa realidade.

---

[15] *The influence of movies on the viewing audience is uncertain, but many observers agree with the view of director Wim Wenders: ‘People increasingly believe in what they see and they buy what they believe in. […] People use, drive, wear, eat and buy what they see in the movies.’ If this is so, then the fact that most movies are made in the English language must surely be significant, at least in the long term.*

2.1 - Representação cultural

A força da língua inglesa hoje é tão grande que temos algumas predeterminações sobre sua representação cultural instaladas em nossa mente. A forma que a imagem da língua inglesa foi construída está sempre relacionada a um padrão superior porque quando pensamos nesta língua, tendemos a associá-la aos Estados Unidos, a economias prósperas ou, ainda, à língua usada para os negócios e assim por diante.

Para entendermos essa representação cultural é necessário, antes de mais nada, que o significado de cultura seja delimitado. O conceito de cultura é muito amplo por haver várias vertentes onde esse conceito pode ser aplicado, mas neste contexto usaremos uma definição antropológica. O primeiro autor a definir “cultura” foi Edward Tyler em 1871 e de acordo com este autor citado por Laraia (1986, p. 25) cultura é: “todo este complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Ou seja, a cultura é o que aprendemos e dividimos socialmente.

No contexto da língua inglesa e da língua espanhola em Hollywood, aprendemos que o inglês é mais valorizado e que os filmes nesta língua são melhores e, portanto, tem mais credibilidade. Associamos a língua inglesa com Hollywood, com as grandes produções e com os grandes atores. Essa é a imagem que a maioria de nós tem e isso é um comportamento socialmente aprendido, ou seja, é cultural.

Já a língua espanhola não tem a mesma força representativa que o inglês. Quando pensamos nesta língua, não o relacionamos a superpotências mundiais ou grandes produções cinematográficas, mas sim a países de menor destaque, mais pobres, a economias fracas, a alguns atores latinos e a certos aspectos culturais. Ou seja, pode-se dizer que existe um estigma de que a língua espanhola é culturalmente inferior a língua inglesa.

De acordo com Hall (1997) a língua atua por meio de representação. A representação é o que conecta o significado e a língua à cultura, ou seja, é a produção de significado por meio da língua. Essa conexão é produzida quando um mesmo entendimento sobre algo é dividido pelas pessoas de uma mesma realidade cultural. Hall (1997, p. 2) declara que “[...] a cultura depende de seus participantes

interpretando significativamente o que está acontecendo ao redor deles[16]". Dessa forma, relacionando a teoria de Hall com a questão dos latinos e da língua espanhola nos Estados Unidos, quando um norte-americano ouve um latino falando inglês com sotaque espanhol em um filme, logo suas referências culturais são acessadas sobre tal aspecto e são, consequentemente, categorizadas. Nessa categorização leva-se em conta a identidade (latinos, sotaque, etc.), o que eles representam em seu país (a classe social, por exemplo) e qual o grupo que eles pertencem (imigrantes, etnia, de onde eles vêm, etc.). Além disso, tem o fator do sentimento, segundo Hall (1997, p. 2): "cultura é também sobre sentimentos, apegos e emoções tanto quanto conceitos e ideias[17]". Assim, a imagem que se tem de um latino no cinema resume-se a seis estereótipos básicos de acordo com Berg (2002, p. 68): "o bandido, a meretriz, o bobo, a engraçada, o amante latino e a mulher morena[18]". Todos esses estereótipos afetam negativamente a língua e a cultura espanhola nos filmes. Essa representação cultural é muito forte nos Estados Unidos e está diretamente ligada à língua espanhola. A imagem do espanhol e o que ele representa no cinema foi construída com base em quem são os falantes da língua, assim como acontece com a língua inglesa. As línguas em si são neutras, o que dá esse ou aquele significado é o contexto.

> De fato, é difícil saber o que "ser inglês", ou francês, alemão, sul-africano ou japonês significa fora de todas as formas sobre as quais nossas ideias e imagens de identidade nacional ou culturas nacionais têm sido representadas. Sem esses sistemas "significativos", nós não podemos assumir tais identidades (ou rejeitá-las) e consequentemente não podemos construir ou sustentar aquela vivência de mundo a que chamamos uma cultura[19]. (HALL, 1997, p. 5)

Quando a língua espanhola é abordada de forma depreciativa no cinema a imagem dos latinos é diretamente atingida. Assim como acontece quando o inglês é exaltado e a imagem dos norte-americanos fica mais forte. Não é possível desassociar uma língua de um povo, não é possível, por exemplo, assistir a um filme norte-americano que tenha uma personagem latina falando em espanhol ou com sotaque

---

[16] *Thus culture depends on its participants interpreting meaningfully what is happening around them.*
[17] *Also, culture is about feelings, attachments and emotions as well as concepts and ideas.*
[18] *El bandito, the harlot, the male buffoon, the female clown, the Latin lover, and the dark lady.*
[19] *Indeed, it is difficult to know what 'being English', or indeed French, German, South African or Japanese means outside of all the ways in which our ideas and images of national identity or national cultures have been represented. Without these 'signifying' systems, we could not take on such identities (or indeed reject them) and consequently could not build up or sustain that common 'life-world' which we call a culture.*

espanhol e não produzirmos uma imagem mental com o nosso conhecimento prévio do que é ser latino e tudo aquilo que isso representa dentro de um contexto cultural. Sabemos disso devido aos conceitos, ideias, imagens pré-estabelecidos e que dividimos dentro de uma mesma cultura, na qual os indivíduos compartilham do mesmo entendimento.

2.2 - Ironia e sarcasmo

A ironia e o sarcasmo, assim como na linguagem cotidiana, também fazem parte da cultura cinematográfica e vão muito além do humor. O humor, em uma de suas formas e em algum nível está, muitas vezes, presente na fala dos indivíduos e, claro, nos filmes. Entretanto, a ironia e o sarcasmo são dois fenômenos linguísticos pejorativos (FINKBEINER, MEIBAUER e WIESE, 2016) que usam o humor para alcançar seu objetivo, sendo sempre mais ácidos, negativos e ofensivos.

Ironia e sarcasmo não são a mesma coisa - apesar de estarem relacionados estes possuem funções diferentes dentro do discurso. O sarcasmo é mais agressivo e tem o objetivo de insultar a outra pessoa. Já a ironia é mais leve, tendendo mais para o humor, apenas. De acordo com Comey (2002, p. 249): “ironia é uma figura do discurso a qual o real significado é dito em palavras que carregam o significado oposto. […] Ironia pode ser séria ou engraçada por causa de seu contraste deliberado entre o significado aparente e o significado pretendido[20]”. Já o sarcasmo é maldoso, como explica Witczak-Plisiecka (2010), que diz que o sarcasmo tem um humor agudo, áspero e cortante e visa o ataque da outra pessoa no discurso.

O humor no cinema é muito explorado pelos autores, mesmo quando não se trata de um filme cômico propriamente dito. O humor é uma ferramenta poderosa para que o público internalize o que está sendo falado de uma forma mais amena. Muitas vezes e de forma inconsciente o público acaba formando opiniões sobre assuntos polêmicos porque a informação foi transmitida de forma engraçada usando a ironia ou o sarcasmo, facilitando o entendimento e dando a impressão de que o tema abordado não é tão pesado. E são justamente os assuntos mais polêmicos que servem de

---

[20] *Irony is a figure of speech in which the real meaning is said in words that carry the opposite meaning. […] Irony can be serious or funny because of its deliberate contrast between the apparent meaning and the intended meaning.*

sustentação para a ironia e o sarcasmo. Nesse sentido, Wainberg explica bem como acontece o processo de receptividade do público ao humor:

> O público ouvinte ri provocado por vários estímulos, entre eles a tragédia e a deformidade alheia, o ridículo, o absurdo, a incongruência entre um conceito e um objeto real, o exagero, a distorção, a malícia, a hostilidade, entre outras causas. Em todas elas o sorriso surge numa fração de segundo, pois é propriedade do humor surpreender e ser codificado sem dificuldades. Como afirmado, através de suas "tiradas", o polemista provoca a sensação de que triunfou e se sobrepôs ao adversário (WAINBERG, 2010, p. 42).

Quando se trata de línguas, sotaques, culturas diferentes ou mesmo estrangeiros de qualquer nacionalidade nos filmes, o humor, por meio da ironia e do sarcasmo, consegue extrair uma infinidade de situações que expõem a situação da personagem perante o público. Essa situação sempre visa à sobreposição de uma personagem - que é a "correta" - a outra - que é colocada como a "diferente", a "estranha" -, e esta é desdenhada ou até mesmo ridicularizada para que a "correta" possa sobressair-se e vencer.

O encontro da língua inglesa com a língua espanhola no cinema, muitas vezes, é permeado por sarcasmo e ironia, estratégias de diálogo muito comuns em cena para captar a atenção da audiência. Nesses encontros das duas línguas, é visível como a língua inglesa está sempre em uma posição de domínio, de comando e como sendo mais "correta", enquanto o espanhol é sempre desdenhado ou seu falante tem o sotaque "corrigido".

Nesse contexto, vemos que essa situação de confronto é quase sempre embasada pela ironia e pelo sarcasmo, que normalmente são situações engraçadas e perpetuam a condição de cada língua. Também, nas palavras de Wainberg (2010, p. 42): "[...] o humor é visto como uma atividade social e uma arma intelectual que serve de vetor à agressividade dos debatedores. Eleva o polemista a um nível superior à do rival que lhe serve de alvo".

A ironia e o sarcasmo são figuras de linguagem muito poderosas, são instrumentos utilizados pelo cinema para incentivar os mais diversos comportamentos no público de uma forma despretensiosa e leve. De acordo com Moisés (2004), a ironia depende inteiramente do contexto, sem este não há nenhum efeito, já o sarcasmo independe do contexto psicológico e verbal. No caso das línguas inglesa e espanhola, a ironia e o sarcasmo recaem no sotaque e na pronúncia que os norte-

americanos consideram erradas e/ou engraçadas no falante de espanhol, e isso acaba se popularizando porque o sarcasmo faz com que as pessoas memorizem mais facilmente o que está sendo dito por causa das propriedades especiais contidas nele como, por exemplo, a nasalização, a ênfase e o tom de voz fazendo com que as falas sejam pronunciadas exageradamente lentas, de forma mais anasalada e com bastante entonação (GIBBS e COLSTON, 2007).

Dessa forma, vemos que a ironia e o sarcasmo podem incentivar certos comportamentos duvidosos em relação a uma variedade de assuntos. No caso do cinema multilíngue, a ironia e o sarcasmo servem, em muitas situações, para assegurar a condição de vantagem da língua inglesa sobre a outra língua, que no caso é o espanhol.

3 - A pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se por ser de natureza qualitativa, que de acordo com Prodanov e De Freitas (2013, p. 70):

> Preocupa-se em analisar e interpretar os dados em seu conteúdo psicossocial. Considera que há uma ligação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

A temática “cinema” foi escolhida por tratar-se de um veículo de comunicação de enorme influência na vida das pessoas, com o poder de criar, desenvolver e modificar comportamentos. Hollywood foi escolhida por ser o sinônimo de cinema; claro que vários outros países também produzem filmes de qualidade e em larga escala, mas sabemos que a referência universal é o cinema norte-americano. O poder de seus filmes é medido pelos bilhões de pessoas que, geração após geração, consomem tudo relacionado a essas produções.

Já os latinos foi o grupo escolhido por ser a maior minoria dos Estados Unidos e a mais mal representada no cinema dentre os grupos existentes, como por exemplo, os negros, os judeus, os asiáticos, etc. Apesar de uma cultura rica e diversa, os latinos têm uma enorme má reputação.

O objetivo deste trabalho é investigar a forma depreciativa que a língua espanhola é abordada no cinema norte-americano. Assim, utilizamos como objeto da pesquisa a representação cultural que foi analisada a partir de filmes produzidos por Hollywood. Nesses filmes há a presença do inglês e do espanhol dentro de um mesmo contexto para que fique claro como ambas as línguas ou a cultura dos dois lados são retratadas pelas personagens dentro de uma cena. Os filmes analisados foram:

Tabela 1 – Filmes analisados

	Título do filme	**Ano de lançamento**	**Diretor**
1	A Mentira	2010	Will Gluck
2	A Mexicana	2001	Gore Verbinski

	Título do filme	**Ano de lançamento**	**Diretor**
3	Cada Um Tem a Gêmea Que Merece	2011	Dennis Dugan
4	Che: o Argentino	2008	Steven Soderbergh
5	Che: a Guerrilha	2008	Steven Soderbergh
6	E Agora, Meu Amor?	1997	Doug Draizin
7	Espanglês	2004	James L. Brooks
8	Evita	1996	Alan Parker
9	Modern Family	2013	Lev L. Spiro
10	O Exterminador do Futuro II	1991	James Cameron
11	Scarface	1983	Brian De Palma
12	Toy Story	2010	Lee Unkrich
13	Vicky Christina Barcelona	2008	Woody Allen

Fonte: a autora, 2017.

Os critérios de escolha desses filmes foram:

- Ter sido produzido pelos Estados Unidos ou ter este país como um dos co-produtores para justificar o contexto do trabalho, que é o cinema-americano e/ou Hollywood;
- Atuação de atores norte-americanos nativos e atores latinos nativos ou não na mesma cena para que o contraste entre as duas realidades fosse analisado;
- Presença de algum tipo de abordagem depreciativa quanto à língua espanhola ou à cultura latina feita por parte dos personagens norte-americano.

Todos esses filmes foram analisados do ponto de vista sociocultural com o intuito de mostrar que a forma com que os latinos são retratados nos filmes é, também, a forma com que eles são tratados na sociedade. Ou seja, o cinema reforça esse comportamento de desigualdade entre as raças - comportamento culturalmente construído e costumeiramente praticado pela população norte-americana.

Além dos filmes analisados, existe, excepcionalmente, a presença de um seriado de televisão – “Modern Family”. A escolha desse seriado deve-se ao fato de ele retratar o latino de forma única por meio de uma personagem colombiana dentro de uma família norte-americana. Trata-se de uma personagem que fala inglês com forte sotaque espanhol (tal como a própria atriz fala fora do cinema) e que traz todos os estereótipos latinos de maneira extremamente clara, ao mesmo tempo em que mostra diariamente como todos a sua volta, particularmente sua família, reagem à sua condição de latina.

4 - Análise

Apesar da longa tradição da língua espanhola em filmes norte-americanos, a questão da abordagem da língua tem sido controversa. Hollywood aborda a língua espanhola de diversas formas em seus filmes, mas normalmente não são as ideais, quase sempre existe uma certa inconveniência na linguagem que é transmitida ao público, gerando desconforto por parte da comunidade latina.

Bleichenbacher (2008) explica que existe, no cinema, uma forma negativa de percepção das personagens que usam línguas diversas da língua inglesa, outras línguas não são bem vistas nos filmes, sendo consideradas de pouco valor. Nas palavras do autor (p. 93):

> Falantes de outras línguas como primeira língua (personagens de outras línguas) são mais prováveis a ser negativos, menos poderosos e com personagens menos significativos do que os falantes de inglês como primeira língua (personagens de língua inglesa)[21].

Entretanto, a questão é delicada porque do outro lado da moeda a comunidade latina é considerada extremamente sensível quando se trata de representá-los no cinema e por isso as tentativas de representar sua cultura não deram certo (JARVINEN, 2013). É difícil, todavia, retratar no cinema uma cultura tão diversa como a latina, ainda mais quando grande parte das notícias que surgem dos países latinos são negativas e muitos de seus cidadãos estão ilegalmente do Estados Unidos. Uma representação fiel desses povos requer estudos mais aprofundados de suas culturas como explica Berland (1997) citado por Nava (2011, p. 74):

> [...] os significados das representações latinas nos Estados Unidos [...] exigem primeiro um entendimento que as identidades são os produtos da estrutura cultural-histórica emergente de raça, classe, gênero e corpos sexualizados dentro de grupos no âmbito de certos direitos, privilégios e um senso de pertencimento[22].

Nesse sentido Nava (2011, p. 74) completa: “na verdade, grupos nos Estados Unidos não são mais relegados a hierarquias de raça, classe e gênero por leis

---

[21] *Speakers of other languages as a first language (OL1 characters) are more likely to be negative, less powerful, and less significant characters than speakers of English as a first language (EL1 characters).*

[22] *[...] the meanings of US Latina representations [...] requires first understanding that identities are the product of the emergent culture-historical structuring of racialized, classed, gendered, and sexualized bodies into groupings within certain rights, privileges, and a sense of belonging*.

explícitas, a menos que as leis sejam direcionadas a certos valores culturais[23]". No cinema, as situações são as mais diversas: o uso do inglês quando o espanhol deveria ser usado por ser mais apropriado, a má pronúncia de palavras, termos pejorativos sendo usados para se fazer referência ao espanhol, tornar uma cena engraçada pelo simples fato de alguém usar o espanhol ou o seu sotaque, etc. A seguir, veremos de forma exemplificada como Hollywood versa sobre a questão da presença do espanhol nos diálogos e no enredo de seus filmes de várias formas diferentes.

O filme "Vicky Cristina Barcelona" (2008), conta a história de duas amigas norte-americanas que decidem passar férias de três meses em Barcelona. No filme, a personagem Maria Elena interpretada pela atriz espanhola Penélope Cruz fala espanhol e um pouco de inglês, a personagem Cristina, interpretada pela atriz norte-americana Scarlett Johansson só fala inglês, e o personagem Juan Antonio, interpretado pelo espanhol Javier Bardem fala as duas línguas. Seguem partes das transcrições de duas cenas envolvendo as três personagens para análise posterior:

> Juan Antonio: *I was in Oviedo some weeks ago with a woman who was the antithesis of you...*
> Juan Antonio: *...an American… and something beautiful happened with her.*
> Juan Antonio: *So you're mistaken.*
> Maria Elena*: Siempre intentarás imitar lo que tuviste conmigo.*
> Juan Antonio: *In this house, speak English. That's all I ask.*
> Juan Antonio: *All right?*
> Maria Elena: *No me hables. ¿Por qué? ¿Por qué te cabreas tanto conmigo, eh?*
> Maria Elena: *¿Pero qué nos faltaba, Juan Antonio?*
> Maria Elena: *¿Qué nos faltaba?*
> Juan Antonio: *Speak English!*
> […]
> Cristina: *Don't get so upset. And speak English. I can't understand you.*
> Maria Elena: *Nunca se va a conformar con nada, esta niña.*
> Juan Antonio: *Speak English so she can understand us.*

---

[23] *Indeed, US groupings are no longer relegated to race, class, and gendered hierarchies by explicit laws unless the laws are directed at certain cultural values.*

Maria Elena: *¡Cómo lo sabía, cómo lo sabía!*

Juan Antonio: *Enough.*

Juan Antonio: *Speak English, please, so she can understand.*

É interessante notar, antes de mais nada, que existe um *code-switching* acontecendo nos diálogos das personagens envolvidas nas cenas. De acordo com Wardhaugh (2010), o *code-switching* é uma escolha que o falante faz em usar mais de uma linguagem (código) dentro da conversa (p. 110):

> As pessoas são normalmente solicitadas a selecionar um código particular toda vez que elas escolhem falar, e elas também podem decidir mudar de um código para o outro ou misturar os códigos mesmo que seja dentro de afirmações curtas e assim criar um novo código em um processo conhecido como codeswitching[24].

No caso deste filme, esse fenômeno se dá de forma recorrente entre as personagens do filme, principalmente na personagem do Juan Antonio que é bilíngue, ele escolhe a cada momento qual língua deve utilizar na conversa.

A espanhola Maria Elena é constantemente repreendida por seu ex-marido por falar espanhol, tanto quando estão na presença da norte-americana Cristina como quando estão sozinhos em casa. Diante dos insistentes pedidos de Juan Antonio para que ela fale em inglês ela acaba falando em algumas ocasiões, mas em nenhum momento Cristina precisou falar uma única palavra em espanhol mesmo estando em Barcelona.

Neste caso, a língua espanhola é visivelmente sufocada e preterida em uma história que se passa em país hispânico e com dois dos principais atores falando espanhol como primeira língua, enquanto a língua inglesa ganha destaque e se sobrepõe à outra sem razões artísticas aparentes. Não há uma necessidade concreta de a personagem Maria Elena ter que falar inglês em seu país para que uma norte-americana não se sentisse deslocada, também não há a necessidade de ela ser tão censurada pela outra personagem (Juan Antonio), também hispânica, para ter que falar a língua da estrangeira.

---

[24] *People, then, are usually required to select a particular code whenever they choose to speak, and they may also decide to switch from one code to another or to mix codes even within sometimes very short utterances and thereby create a new code in a process known as codeswitching.*

Vemos aqui um caso onde a língua espanhola é diminuída perante a inglesa. Fuller (2013, p. 7) ratifica esse pensamento: "[...] o espanhol é visto linguisticamente inferior ao inglês[25]". Sabemos, contudo, que quando estamos em outro país o normal é termos que falar a língua do país onde estamos, e não como é mostrado no filme. Assim, neste caso, a língua inglesa foi a escolhida como a ideal.

Essa forma de tratamento da língua espanhola no cinema norte-americano apenas reflete o que acontece diariamente na sociedade americana. A língua é constantemente evocada para fazer referência a situações negativas em conversas coloquiais, programas de televisão, internet, etc.

Existe um tipo de abordagem pejorativa da língua espanhola utilizada pelo norte-americano que é uma tentativa deturpada de falar as palavras em espanhol. Essa maneira de falar é usada para expressar um certo desdém com a língua e também é muito comum no cinema. Trata-se do *Mock Spanish*.

De acordo com Hill (2008), o *Mock Spanish* é um termo que se popularizou na década de 1980 e 1990 e se expandiu pelos Estado Unidos e alguns outros países de língua inglesa. Trata-se de uma estratégia para criar novas palavras usando o inglês e o espanhol. A definição de *Mock Spanish* de acordo com Harris e Rampton (2003, p. 204) é a seguinte: "um conjunto de estratégias para incorporar palavras emprestadas do espanhol ao inglês com o objetivo de produzir um resultado jocoso ou pejorativo[26]". Já Cobas, Duany e Feagin (2015) explicam as funções do *Mock Spanish*:

> [O] *Mock Spanish* tem pelo menos duas grandes funções. A construção de uma postura leve, jocosa e humorística que indica que o falante possui uma desejável persona coloquial que é peculiaridade "americana". A segunda é a tarefa de um reimaginado "espanhol" para uma área desordenada e "não americana", junto da reprodução de estereótipos negativos da língua espanhola e das populações herdeiras da língua espanhola[27].

---

[25] *Spanish is seen linguistically inferior to English.*

[26] *Mock English is a set of strategies for incorporating Spanish loan words into English in order to produce a jocular or pejorative key.*

[27] *Mock Spanish has at least two major functions. The first is the construction of a light, jocular, humorous stance that signals that the speaker possesses a desirable colloquial persona that is peculiarly "American". The second is the assignment of reimagined "Spanish" to a zone that is disorderly and "un-American", along with the reproduction of negative stereotypes of the Spanish language and Spanish-language-heritage populations.*

Existem algumas formas do *Mock English* aparecer no discurso, e uma delas é o acréscimo do sufixo espanhol em palavras inglês, como veremos no próximo exemplo.

O uso do *Mock Spanish* no cinema, na modalidade sufixal, pode ser visto no filme “A Mexicana” (2001). O filme trata do ladrão Jerry, interpretado pelo ator Brad Pitt, que precisa ir ao México fazer um trabalho a pedido de seu chefe. Para isso ele precisa lidar com vários criminosos mexicanos que não falam inglês, e como Jerry também não fala espanhol, ele acaba fazendo uso do *Mock Spanish*. Jerry faz constante uso da modalidade na tentativa de que seu “espanhol” possa ser entendido pelos mexicanos, é quando ele coloca um “o” no final das palavras em inglês para que elas fiquem mais “espanholadas” como: *town-o*, *truck-o*, *village-o*. Segue o diálogo:

Jerry: *Buenas noches.*

Mexicano: *Buenos nachos.*

Jerry: *Um, I need a lift to the next town in your truck.*

Mexicano: *(não entende)*

Jerry: *I need a ride... in your automobile to the next town. I can't pay you. I have no money. No dinero. (falando devagar)*

Mexicano: *De Niro? (risos)*

Jerry: *Si. None.*

Mexicano: *Robert De Niro. (risos)*

Jerry: *Yeah. Uh, I need a lift… in your "el truck-o” to the next "town-o”. Uh, "village-o". Uh, uh… pueblo.*

Mexicano: *Ay, pueblo.*

Jerry: *Yeah, si.*

Mexicano: *Al otro pueblo. Ok. Señor De Niro. (risos).*

Apesar de a cena ter como objetivo mostrar que Jerry precisava se comunicar com urgência e não conseguia falar espanhol e por isso os mexicanos zombaram das tentativas frustradas dele, o *Mock Spanish* foi usado para retratar a forma como o espanhol é, muitas vezes, representado em um filme, ou seja, esse é o estereótipo, uma imitação simulada da língua (BREIDENBACH, 2006).

Este filme também aborda o *code-switching*, como no exemplo anterior de “Vicky Cristina Barcelona”. Em algumas cenas rodadas em solo mexicano, atores

nativos falam em inglês e em espanhol, já os atores norte-americanos só falam inglês ou, como supracitado, usando o *Mock Spanish.*

Outro caso famoso do uso de *Mock Spanish* em Hollywood é o filme “O Exterminador do Futuro II: O Julgamento Final” (1991), o filme, resumidamente, conta a história de um *cyborg* que deve proteger o garoto John Connor de outros Cyborgs mais avançados. Aqui, Arnold Schwarzenegger, que interpreta o *Terminator*, fala uma das frases mais populares do cinema: “Hasta La vista, baby”, segue trecho do diálogo:

> John Connor: *No, no, no, no. You gotta listen to the way people talk. You don't say "affirmative," or some shit like that. You say "no problemo". And if someone comes on to you with an attitude you say "eat me." And if you want to shine them on it's "hasta la vista, baby."*
> The Terminator: *Hasta la vista, baby.*
> John Connor: *Yeah but later, dickwad. And if someone gets upset you say, "chill out"! Or you can do combinations.*
> The Terminator: *Chill out, dickwad.*
> John Connor: *Great! See, you're getting it!*
> The Terminator: *No problemo.*

Nesse caso, o garoto tenta ensinar ao *Terminator*, que é um robô, uma forma de falar mais natural, com expressões cotidianas dos norte-americanos e, para isso, ele usa palavras e expressões em espanhol.

Nesse exemplo, há dois tipos de *Mock Spanish*, o primeiro é o “Hasta la vista, baby”. De acordo com Hill (1995), o “Hasta la vista” trata-se de uma das estratégias do *Mock Spanish* chamada derrogação semântica, que é quando uma palavra espanhola neutra, que não tem nenhuma conotação negativa em seu sentido original, pode ser usada como um insulto dependendo da intenção de quem fala, tornando-se assim, um termo de *Mock Spanish*. A frase “Hasta la vista” é um exemplo de termo neutro usado em breves despedidas, mas no contexto da cena a expressão é usada quando o *Terminator* assassina outra pessoa, ou seja, dando um sentido completamente diferente do original.

O segundo tipo de *Mock Spanish* que aparece no diálogo é, novamente, a questão do acréscimo do sufixo “o”, como no diálogo do filme “Vicky Cristina Barcelona”. Entretanto, trata-se da popular expressão “no problemo”. Como a palavra

“problem” do inglês é morfologicamente similar à palavra espanhola, é muito comum a adição do sufixo “o”, que é característica inerente ao vocabulário da língua, para que a expressão de torne *Mock Spanish*. A expressão correta em espanhol é “no hay problema” e em inglês é “no problem”. Montilla (2013, p. 38) ratifica essa prática: “o uso de pronúncias irreais e *Mock Spanish* contribuem para uma representação do espanhol inferior ao inglês e seus usuários são vistos como objetos de ridicularização[28]”.

Todavia, devemos considerar a intenção da fala da personagem que pode ser um tipo de zombaria, diminuição da importância da língua ou mesmo algo tão sutil que não carrega o objetivo de discriminação ou desdém, mas que mostra uma certa superioridade do inglês. No caso de “hasta la vista”, não há um objetivo de zombar o espanhol, já que a expressão se tornou universal e usada por muitas pessoas em uma referência ao filme, e não é considerada ofensiva. Já as palavras em inglês terminadas em espanhol podem denegrir a imagem da língua porque são palavras criadas incorretamente com o intuito de satirizar a língua espanhola.

O resultado desses pequenos atos de discriminação é que os norte-americanos não levam o espanhol a sério. Hill (1995), citado por Bleichenbacher (2008, p. 18) explica bem essa visão:

> As ideologias racistas que informam o uso público do *Mock Spanish* operam por caminhos muito sutis, Hill argumenta, que é por causa do tipo de discurso humorístico. Geralmente, inúmeros comentaristas têm descrito como a estereotipização linguística serve frequentemente como uma alternativa conveniente a formas mais grosseiras, mas menos admissíveis de discurso racista[29].

Essa associação da língua ao humor satírico dentro do cinema, apontada por Hill, acaba tirando a credibilidade do espanhol e respinga na cultura latina como um todo. Nos Estados Unidos o espanhol é visto como uma língua fácil, um inglês com “o” no final dos substantivos e não uma língua de verdade (FULLER, 2013).

Outro caso curioso é o do filme “Evita” (1996). “Evita” é um filme do gênero musical que se passa na Argentina e conta a história de Eva Perón, ex-primeira-dama

---

[28] *The use of unrealistic Spanish pronunciations and Mock Spanish contribute to a depiction of Spanish as inferior to English and its users as objects of ridicule.*

[29] *The racist ideologies that inform the public use of Mock Spanish operate in very subtle ways, Hill argues, because the discourse is of a humorous kind. More generally, numerous commentators have described how linguistic stereotyping often serves as a convenient alternative to more gross, but less admissible forms of racist discourse.*

do país, que apesar da infância difícil conseguiu superar os obstáculos e casou-se com o presidente da república e tornou-se a figura mais aclamada da história da Argentina.

O filme é todo em inglês, a maior parte dos atores tem o inglês como língua nativa. Eva Perón é interpretada pela norte-americana Madonna que, a propósito fala espanhol (KIM, 2001). Também no elenco está o ator espanhol Antonio Banderas que interpreta Che Guevara, um dos protagonistas, mas Banderas não usa sua língua nativa em sua interpretação. Porém, o mais incomum é o caso da personagem Juan Perón, o presidente argentino. O ator que o interpreta é o britânico Jonathan Pryce, que tem um considerável sotaque britânico.

Em "Evita" vemos claramente o peso da língua inglesa se sobrepondo ao espanhol. Por que Madonna, por exemplo, mesmo sabendo falar espanhol, atuou em inglês? Por que Antonio Banderas atuou em inglês? Por que trouxeram um ator britânico para representar o ex-presidente Argentino? Estas questões partem do mesmo princípio que é o da rentabilidade, ou seja, se o mercado norte-americano vai ou não receber bem o filme. Um filme onde os diálogos são em espanhol não trazem público e consequentemente não cobrem as despesas da produção. E esse problema vem dos primórdios de Hollywood como explica Jarvinen (2013, p. 62): "o inglês era o maior e mais rentável mercado de exportação de Hollywood definido pela linguagem, e claro, a língua majoritária do Estado Unidos e da própria indústria[30]".

É importante também ressaltar o contexto, se caberia ou não uma atuação em espanhol. Não há nenhum problema em um ator latino atuar em inglês se isso se adequa à história. No caso de "Vicky Cristina Barcelona" mostrado acima, uma personagem latina obrigava a outra personagem, também latina, a falar inglês na Espanha, naquele contexto não havia a necessidade de o espanhol ser sufocado da forma que foi. Em relação à Evita, o filme é baseado em uma história real que faz parte da Argentina, locado na Casa Rosada e todas as personagens são argentinas e nem sequer havia menção à língua. Uma atuação em espanhol, mesmo que parcialmente daria mais credibilidade e importância à língua, principalmente se fosse feita por atores de língua inglesa.

---

[30] *English was the largest and most profitable of Hollywood's language-defined export markets and, of course, the majority language of the United States and the industry itself.*

Quando o assunto são os atores norte-americanos falando espanhol e os atores latinos falando inglês no cinema, temos duas reações distintas do público norte-americano a ser consideradas. Este público reage bem ao primeiro caso, mesmo o ator usando *Mock Spanish*, por exemplo. Agora, os latinos não têm a mesma receptividade quando falam inglês, qualquer deslize já é motivo para sátira e apenas o sotaque já é suficiente para o ator ser desprestigiado e enfrentar grande resistência. Isso acontece porque o inglês é a regra e falar a língua, de preferência sem sotaque, é sinônimo de melhores papéis nos filmes. O autor Arana (2010) expõe bem essa realidade da língua que começa na sociedade antes de ser refletida no cinema dizendo os hispânicos nunca poderão falar inglês como um americano, inclusive as novas gerações já deveriam aprender a falar inglês antes de sua própria língua (espanhol) porque nas palavras dele (2010, p. 14): "[...] mesmo que eles falem o espanhol com o sotaque americano, que é mais importante do que falar inglês com sotaque espanhol[31]".

Uma outra forma que Hollywood tem satirizado o espanhol é no seriado norte-americano "Modern Family" (2009 - presente). Apesar de se tratar de uma produção televisiva, também mostra que os mecanismos de representação do latino estão presentes em outras vertentes cinematográficas. "Modern Family" é baseado em três núcleos diferentes, que é constituído por três famílias, essas famílias estão interligadas, e mostram situações cômicas que acontecem diariamente com eles. Em uma das famílias encontra-se Gloria, personagem da atriz colombiana Sofía Vergara. Gloria é a típica Latina que Hollywood perpetua em seus filmes, ela fala alto, discute o tempo todo, usa roupas curtas e apertadas e, claro, tem um sotaque gritante como dizem Gallagher e Lippard (2014, p. 542):

> Interpretada por Sofía Vergara, a personagem Gloria Pritchett é uma colombiana que muitos estudiosos da cultura popular dizem perpetuar o estereótipo da latina super sexualizada como uma ex-rainha da beleza que sempre está vestida com roupas apertadas e é objeto de muitas piadas sobre sua beleza sensual no seriado[32].

---

[31] *[...] even if they speak this language with an American accent, which is more important than to speak English with a Spanish accent.*

[32] *Played by Sofía Vergara, the character Gloria Pritchett is a Colombian woman whom many popular culture scholars charge perpetuates the stereotype of the oversexed Latina, as an ex-beauty queen who frequently wears tight clothing and is the subject of many jokes on the show revolving around her sensual beauty.*

No caso de “Modern Family*”,* a situação é diferente, aqui não existe o *Mock Spanish* como nos outros casos, quase todas as personagens contracenam em inglês, com exceção de Vergara que, muitas vezes, fala em espanhol, o problema, nesse caso, é todo o estereótipo latino evidenciado pela linguagem que ela usa e como isso é apresentado em cena perante as outras personagens e ao público.

A personagem de Sofía puxa ao limite os estereótipos da mulher latina com seu comportamento extravagante, sensualizado, temperamento forte e seu pesado sotaque espanhol que, muitas vezes, é motivo de piada para as outras personagens. Inclusive, Cepeda (2016, n.p.), em seu livro, mostra diversos resultados de suas pesquisas sobre os latinos na mídia, dentre eles, sobre o sotaque espanhol:

> [...] Latinos são significativamente mais prováveis do que outros grupos raciais/étnicos a ser mostrados com sotaque. Como esperado, personagens latinas com sotaque são retratadas como sendo menos articulados do que aqueles sem sotaque. Embora sotaques possam estimular avaliações desfavoráveis dos falantes, tais como classificações de articulação, é também concebível que estereótipos associados aos latinos como um grupo (por exemplo, membro do grupo) englobavam ambas percepções da existência dos sotaques, assim como atribuições sobre o falante[33].

Em um dos episódios do seriado intitulado “Fulgencio”, Gloria recebe sua família da Colômbia, a mãe e a irmã. As cenas envolvendo as duas são sempre retratando uma Colômbia inferior, sem recursos, quase um país rural. A irmã está sempre limpando a casa e dizendo que veio de uma vila pobre, enquanto a mãe aparece em uma cena segurando um revólver de estimação da família, e todas elas sempre falando muito alto e discutindo. Nesse episódio eles também discutem o nome do bebê, como o marido de Gloria é norte-americano, ele quer que a criança se chame Joe, enquanto Gloria quer que ele tenha o nome de Fulgencio, por fim, embora o nome tenha ficado Fulgencio, toda a família chama a criança de Joe porque ninguém consegue pronunciar o nome original.

Essas situações mostram como os falantes de espanhol tem pouco ou nenhum valor no cinema, estão sempre em posição de desvantagem, mesmo que não seja puramente na língua. Diversas situações questionáveis também podem acontecer nas

---

[33] *[...] Latinos were significantly more likely than other racial/ethnic groups to be depicted with an accent. Unsurprisingly, Latino characters with accents were portrayed as less articulate than those without accents. Although accents can prompt unfavorable evaluations of speakers, such as ratings of articulacy, it is also conceivable that stereotypes associated with Latinos as a group (i.e., membership in the group) cued both perceptions of the existence of accents as well as attributions about the speaker.*

esferas social e cultural em um filme ou seriado norte-americano prejudicando a imagem dos hispânicos e minando sua presença nas produções hollywoodianas, pelo menos ao que tange aos papéis sérios.

A partir daí o comportamento é repetido pelo público que associam àquele modelo e o repetem, propagando o preconceito. Nesse sentido, Harris e Sanborn (2014, p. 18) dizem: “retratos estereotipados de grupos sociais podem contribuir com o preconceito na audiência[34]”.

Quando vemos, repetidamente, em um filme norte-americano um latino em más condições sociais e sendo alvo de piada por isso ou sua língua sendo mal compreendida, isso acaba influenciando nossas crenças e atitudes como afirmam Harris e Sanborn (2014, p.21):

> Atitudes podem influenciar além da opinião de uma pessoa sobre um assunto particular. Um conjunto de atitudes pode formar um tipo de mentalidade através da qual nós vemos o mundo. Essas atitudes colorem nossa seleção do que percebemos no mundo e como nós a interpretamos[35].

Muitas vezes essa influência se dá em detalhes que nem percebemos quando estamos assistindo a um filme porque, muitas vezes, o preconceito não está, necessariamente, em diálogos explícitos como no próximo exemplo.

A comédia norte-americana “A Mentira” (2010) é um típico filme de adolescentes retratando uma série de questões juvenis que acontece na vida deles dentro de uma escola do ensino médio. Uma cena desse filme mostra bem como o diálogo acontece de forma sarcástica e despretensiosa. A personagem principal Olive Penderghast, interpretada pela atriz norte-americana Emma Stone, está oferecendo supostos serviços lascivos em troca de dinheiro aos colegas de escola. Em cena ela oferece esses serviços a um colega indiano, porém o trata como um latino, segue o diálogo:

> Olive Penderghast: *Seriously, a coupon? 20% off of Bath and Body Works. Is that how much our imaginary tryst meant to you? I fake rocked your world!*
>
> Sanjay Chandrasekhar: *It's all I can afford.*

---

[34] *Stereotyped portrayals of social groups may contribute to prejudice in viewers*.

[35] *Attitudes may have influence beyond one’s opinion about a particular subject. Sets of attitudes may form a sort of mindset through which we view the world. These attitudes color our selection of what we perceive in the world and how we interpret it.*

Olive Penderghast: *How is that my problem, amigo?*

[Narrating]

Olive Penderghast: *I knew he wasn't Latino, but for some reason all these shady... backdoor deals had me talking like Carlito.*

Olive Penderghast: *Beat it, ese!*

Sanjay Chandrasekhar: *Okay.*

A personagem de Olive, mesmo sabendo que Sanjay é indiano, o trata como um latino e no diálogo percebemos tal tratamento em momentos diferentes. Primeiramente ela refere-se a ele como “amigo”, uma palavra espanhola. Em seguida ela diz que toda que aquela conversa de caráter duvidoso (o diálogo que eles estão tendo) a faz falar como Carlito, fazendo referência ao porto-riquenho criminoso interpretado por Al Pacino no filme o “Pagamento Final” (1993). Por fim, ela usa a gíria espanhola *ése* que significa “cara”, “rapaz”.

Nesse exemplo, o preconceito encontra-se nas associações feita por Olive. Quando ela diz que fazer negócios de natureza suspeita com um colega indiano a faz lembrar de um filme sobre a máfia latina, isto está intimamente ligado ao estereótipo já estabelecido de quem são os latinos na sociedade, quais o papel que eles ocupam e como eles devem ser tratados pelos norte-americanos. Nesse caso, a associação feita por Olive surgiu baseada nas características físicas do indiano que são parecidas com as do latino em um contexto geral, ou seja, ele é de cor escura, originário de um país pobre, pertencente a uma minoria (nos Estados Unidos), possivelmente tem hábitos considerados diferentes, logo marginalizados na sociedade.

É interessante ressaltar que outros diálogos parecidos acontecem no filme, onde Olive tem o mesmo tipo de conversa com colegas de escola, ou seja, ela faz o mesmo tipo de proposta a outros estudantes, todos típicos adolescentes norte-americanos brancos, mas a protagonista só faz a associação entre o teor da atividade que ela tenta negociar e as atitudes típicas de um criminoso quando ela se depara com o indiano, que por sinal

Essa cena está, também, envolta com sarcasmo e é um diálogo bastante cômico, o que deixa toda a situação mais leve e a discriminação torna-se diluída, mas o estereótipo do *el bandido,* um dos mais comuns do cinema, está presente em toda a cena. Rodriguez (1997, p. 2) citado por Holtzman e Sharpe (2014, p. 335) explicam

como os primeiros produtores de Hollywood, em um certo momento, perceberam que era interessante satirizar os imigrantes latinos:

> No entanto, quando denegrir pessoas de cor tornou-se lucrativo, esses mesmos produtores tiveram as mesmas atitudes e também participaram da exclusão ou exploração das imagens de pessoas de cor. Naquele momento latinas/latinos foram excluídos da indústria, exceto da frente da câmera onde eles geralmente interpretavam os papéis estereotipados[36].

Ou seja, os produtores de Hollywood substituíram os operadores de câmeras, os roteiristas, e todas aquelas pessoas que trabalhavam na produção dos filmes, por norte-americanos não- latinos e deixaram os atores latinos para interpretar papéis, que mesmo denegrindo a imagem deles, eram cômicos e atraíam o público.

O filme “A Mentira” é um filme de comédia para o público adolescente, ou seja, o público alvo é composto por pessoas que estão formando seus valores e em processo de adaptação na sociedade. Quando filmes como esse mostram situações de preconceito contra um latino, isso acaba tornando-se uma crença de que tratar um latino como uma pessoa de menor valor é aceitável e até comum. Holtzman e Sharpe (2014) também discorre sobre esse tema, que é a generalização. Quando repetidamente ao longo da infância, por exemplo, vemos que as pessoas ruivas que conhecemos eram engraçadas, essa informação é processada no nosso inconsciente e em um certo momento concluímos que todas as pessoas ruivas são divertidas. Dessa forma, resolvemos sobre várias outras questões, generalizamos para poder justificá-las para nós mesmos as atitudes que temos.

Generalizações assim levam ao filme “Cada Um Tem a Gêmea que Merece” (2011). Esse filme também é uma comédia, mas ao contrário de A Mentira, aqui fica bem claro o papel imposto aos latinos na sociedade norte-americana e, claro, no cinema.

O filme conta a história de um casal de irmãos gêmeos ambos interpretados por Adam Sandler. Jack mora com sua esposa Erin e seus filhos na Califórnia e Jill, que more em Nova Iorque, vai visitá-los para as festas de fim de ano, mas acaba ficando mais do que o esperado, provocando várias situações engraçadas. Na casa

---

[36] *However, when the denigration of people of color became profitable, these same producers developed the same attitudes and participated in either excluding or exploiting the images of people of color. At this point Latinas/Latinos were excluded from the industry, except in front of the camera where they generally played stereotypical roles.*

de Jack, trabalha o jardineiro Felipe, interpretado pelo ator mexicano, Eugenio Derbez, e é ele quem faz as piadas preconceituosas sobre os latinos em todas as suas aparições no filme, segue trechos dos diálogos:

Erin: *Oh, did you have a nice Thanksgiving?*
Felipe: *Yeah, I had the whole family come over. Even my Aunt Rosa snuck across the border. I'm kidding, I'm kidding!*
Jill: *Who are you? Are you a gardener or something?*
Felipe: *No, I... I don't just do gardening. I do impressions, too. When Immigration shows up, I do a great impression of a tree. I'm kidding, I'm kidding!*
Jack: *Oh, strong. All right. Jay Leno better watch his back.*
Felipe: *Nice to meet you, señorita.*
Jill: *Okay, nice to meet you.*
Jill: *What is he doing? What is his problem?*
Felipe: *Miss Jill? What you doing out here?*
Jill: *I stayed out here because I didn't want to go in the house. And Erin tried to make me come back in and I wouldn't. He yelled at me 'cause I rejected Al Pacino.*
Felipe: *Well, if you need something to do, I'm just fixing the timer and heading off to a big family picnic.*
Felipe: *We play soccer, eat, steal white people's wallets…*
Jill: *What did you say?*
Felipe: *I'm kidding! I'm kidding! We don't eat.*
Jill: *Oh, stop it. [laughing]*

Felipe: *This is my friend, Jill.*
Felipe: *Hi. That's my father, my mama, my brother Juan, my other brother Juan, Juan Jr., my sister Juanita, my grandma Juangelina, and that... I'm kidding!*
Jill: *I was going to say, that's a lot of Juans!*
Felipe: *We're not all named Juan.*

Felipe: *Is that you make me feel like, like I just climbed out of the trunk of my cousin's car after driving 1,100 miles across the border.*
Jill: *Huh?*

Felipe: *I'm kidding. I'm kidding.*

Estas são as quatro cenas em que Felipe aparece no filme contracenando com as personagens principais e em todos elas estão presentes os famosos estereótipos negativos dos latinos nos Estados Unidos e, mais uma vez, todas as cenas o humor dá o tom nos termos mais preconceituosos.

Antes de mais nada, é interessante frisar que Felipe fala inglês com sotaque espanhol é interpreta um jardineiro, papel secundário no filme, que são as personagens que os latinos normalmente desempenham em Hollywood.

O primeiro diálogo aborda a questão da imigração ilegal. Felipe diz que toda vez que a imigração aparece ele imita uma árvore, ou seja, ele assume ser um mexicano que trabalha ilegalmente no país, um assunto super delicado tanto para os latinos quanto para os norte-americanos. Dizendo isso ele reforça no inconsciente coletivo do público que todos os imigrantes latinos são ilegais no país.

O segundo diálogo traz, novamente, o estereótipo do *el bandito*. Felipe diz sarcasticamente e abertamente que rouba a carteira das pessoas, isso é uma generalização negativa dos latinos porque muitos latinos que moram nos Estados Unidos praticam crimes. Espera-se que, além de imigrante ilegal, ele também seja um criminoso porque esse é o pensamento mais comum que surge nos norte-americanos quando pensam em um latino e isso é retratado explicitamente no filme.

No terceiro diálogo, Felipe brinca com a questão do nome Juan, apresentando todos os seus familiares a Jill com esse nome por ser um dos nomes mais comuns dos imigrantes hispânicos. Porém, após apresentá-los ironicamente dessa forma, ele diz que nem todos os mexicanos tem esse nome.

E na última fala, Felipe faz uma menção a questão da travessia ilegal de imigrantes do México para os Estados Unidos, outro tema muito polêmico para os povos dos dois países. Aqui, ele diz, em uma tentativa de elogio a Jill, que ela o faz sentir como se ele saísse do carro porta-malas do carro de seu primo depois de ultrapassar a fronteira. É sabido que os imigrantes passam dias tentando chegar aos Estados Unidos, através da fronteira entre os dois países, em condições desumanas e, além disso tentando se esconder da polícia. Ou seja, são situações que, de fato, acontecem com os latinos nos Estado Unidos, mas que não representam todos eles, porém é mostrado ao público que só existem latinos nessas condições.

Às vezes, o problema é ainda muito maior do que as piadas sobre sotaque, nomes ou imigração. O próximo exemplo levou a imagem dos cubanos de criminosos e traficantes para o mundo inteiro nos anos 80.

“Scarface” (1983) retrata o pior da sociedade cubana - a violência e o tráfico drogas. O filme, que é um clássico do cinema mundial, conta a história de Tony Montana, interpretado pelo ator norte-americano Al Pacino, um preso cubano que foi para Miami, devido a um acordo entre os Estados Unidos e Cuba e tornou-se um dos maiores chefes do tráfico de drogas da cidade.

Em “Scarface” temos vários aspectos negativos produzidos pelos estereótipos, e a língua é o primeiro elemento que percebemos. Al Pacino faz um sotaque espanhol em cima do inglês para expressar a sua nacionalidade cubana, praticamente todos os diálogos dele são com outros cubanos e todos eles falam inglês entre si. Normalmente o que vemos nos filmes é que quando atores que falam espanhol como L1 dialogam entre si, no mesmo contexto de “Scarface”, ou seja, filme com enredo em inglês, eles usam o espanhol. No filme já citado “Vicky Cristina Barcelona” isso acontece também, quando o diálogo se dá, “internamente”, entre os atores que falam espanhol como L1 o diálogo é nesta língua.

Outro ponto é que este filme, especificamente, por ter sido muito bem-sucedido é que milhões de pessoas viram Cuba pelo seu pior lado e isso trouxe consequências negativas para os cubanos. O filme é extremamente violento, várias pessoas morrem assassinadas em decorrência do tráfico de drogas, com isso os cubanos passaram a ser mal vistos no país. O autor Cortés (2013, p. 1880) relata bem essa representação:

> O filme mostra os imigrantes cubanos como cruéis, criminosos e chauvinistas em um estereótipo de irmandade com outros latinos que se comportam de forma parecida. A despeito disso, o filme continuou a longa tradição de Hollywood de retratar os latinos como bandidos, sua crueldade só é correspondida pelo ridículo de seus sotaques exagerados - com Tony Montana interpretando o papel de bandido urbano, o qual as roupas chamativas substituíram os chapéus e botas do velho oeste[37].

Além de toda uma imagem cultural e social negativa que “Scarface” explora em suas cenas, a língua também acaba sendo associada a todas essas características

---

[37] *The film depicts Cuban immigrant as ruthless, criminal, and chauvinistic, in stereotypical brotherhood with other Latinos who behave in similar ways. In that regard, the film continued a long Hollywood tradition of portraying Latinos as bandits, their cruelty matched only by the ridiculousness of their exaggerated accents - with Tony Montana playing the role of the urban bandit, whose flashy clothes have substituted the hats and boots of old Westerns.*

relativas ao crime, ou seja, além dos atores latinos serem discriminados, o espanhol vira uma língua sem confiabilidade. Afinal, vemos Al Pacino usando o sotaque espanhol para interpretar um cubano violento e traficante de drogas e isso pesa muito por se tratar de Hollywood.

Como vimos, o cinema norte-americano tem muitos estereótipos negativos de bandidos, traficantes, etc., esses são considerados os piores por se tratar de personagens criminosos, porém existem outros estereótipos latinos “mais leves” comumente usados nos filmes: o latino galanteador e o dançarino. No próximo filme, temos o latino galanteador e o dançarino em uma só personagem.

“Toy Story 3” (2010), é um filme da Disney direcionado ao público infantil e conta a história de brinquedos que foram enviados, pelo seu dono, a uma creche por engano, a partir daí eles passam por várias situações para tentar voltar para casa. Dentre os brinquedos tem um boneco chamado Buzz que, em uma certa altura da estória, é programado incorretamente pelos outros brinquedos e começa a falar espanhol.

Entretanto, junto com o espanhol, Buzz adquire todos os “trejeitos” de um típico *Latin Lover*, ou seja, ele torna-se galanteador, romantizado, passa também a enfatizar sua masculinidade, exagera nos seus atos e no modo de falar como se estivesse fazendo uma performance e ainda dança tango. Quando ele vê a boneca Jessie, outro brinquedo na estória, ele começa a cortejá-la imediatamente, colocando em prática o típico amante latino.

O *Latin Lover* é um estereótipo muito antigo no cinema norte-americano, vem da época que atores latinos protagonizam filmes em Hollywood. Baugh (2012, p. 262) define bem esse tipo:

> A conotação mais forte para o tipo *Latin Lover* envolve seus elementos escapistas, fantásticos e exóticos. O estereótipo de *Latin Lover*, englobando um gênero todo, gira em torno da sexualidade, apelo sensual, mas também, geralmente, dos elementos de estória romântica e iconografia, todas excessivas simplificações da identidade cultural do latino que superenfatiza a paixão[38].

---

[38] *The strongest connotation for the Latin Lover type involves its escapist, fantastic, and exotic elements. The Latin Lover stereotype, grounding an entire genre to be fair, revolves around sexuality, sensuous appeal, but also more generally romantic story elements and iconography, all oversimplifications of Latino cultural identity and one that overemphasizes passion.*

Além dessa questão do *Latin Lover*, o filme também usa o já citado *Mock Spanish.* Em uma cena, após os outros bonecos perceberem que Buzz havia entrado no “modo espanhol”, um deles o chamou de “el buzzo”, claramente em uma referência de *Mock Spanish* ao acrescentar o sufixo “o” no final do nome dele.

“Toy Story 3” é um filme divertido com várias mensagens positivas para o público infantil, mesmo as cenas onde encontram-se as referências sobre os estereótipos latinos e o *Mock Spanish* são leves e engraçadas e não tem conteúdo realmente cruel como em outros casos, mas existe o preconceito quando ele mostra que os latinos essencialmente só dançam e dão em cima de mulheres ou no momento que os outros bonecos não levam tão a sério a nova “personalidade latina” dele. Baugh (2012, p. 265) traduz bem esse tipo mais contido de preconceito, mas que ao mesmo tempo representa negativamente os latinos: “mesmo se nem todos os estereótipos sejam negativos, todos eles são humilhantes, e no mínimo, anulam a riqueza das artes e da complexidade dos valores no cinema[39]”.

Essas atitudes em relação à língua espanhola são importantes e devem ser consideradas porque elas são observadas pelas crianças que assistem ao filme e essa informação é inconscientemente absorvida por elas influenciando suas futuras atitudes em relação aos latinos, positivamente ou negativamente.

O filme “Espanglês” (2004) é um importante exemplo de uma série de estereótipos muito populares que os latinos constantemente vivem em Hollywood, e talvez a realidade mais comum na sociedade norte-americana. Nesse caso, não há tráfico de drogas, assassinos, bandidos ou mulheres sensualizadas, mas sim, a cultura da submissão por trás da personagem de uma empregada doméstica dentro de uma família de classe média norte-americana.

“Espanglês” é sobre uma mulher mexicana chamada Flor, interpretada pela atriz espanhola Paz Vega, que vai para os Estados Unidos com sua filha para ter uma vida melhor e lá ela torna-se empregada doméstica da família Clasky, que como diz Nava (2011, p. 70): “é a típica imagem do sonho americano dos brancos, um núcleo familiar composto pelos pais, dois filhos, um cachorro e uma avó[40]”.

---

[39] *Even if not all stereotypes are negative, they are all demeaning and, at least, they all undercut the richness of the art and the complexity of the values in cinema.*

[40] *The Clasky family is the typical image of the white American Dream, a nuclear family composed of two parents, two children, a dog, and a Grandma.*

Flor não fala absolutamente nada de inglês até a metade do filme quando ela decide aprender a língua para conseguir interagir com a família. Assim, logo no início quando Flor é apresentada à família, seu nome é motivo de confusão, porque a mãe da família, Deborah, não consegue pronunciar o /r/ corretamente de Flor, ela faz o som do /r/ retroflexo da língua inglesa e não /r/ vibrante comum na língua espanhola.

A cena é uma atração a parte, onde toda a família ajuda Deborah a falar o nome corretamente. Segue o diálogo da cena:

Deborah: *What's your name?*
Deborah: *Llamo. It's one of my five Spanish words.*
Flor: Flor *Moreno*
Deborah: *Floor?*
Flor: *Florrr.*
Deborah: *Floor?*
Flor: *Floor? No, Florrr.*
Deborah: *Floor.*
Flor: *Florrr.*
Deborah: *Floor! What I walk on, right? Flor!*
[...]
Flor: *If you curl your tongue, then it be loose, you'll get it. That it's really hard for American, that's great you try so hard because most people wouldn't bother (em espanhol).*
Deborah: *Floorrrr.*
Flor: *Perfect (em espanhol).*

Esse diálogo chama a atenção por algumas razões, a primeira delas é o esforço do autor do filme em mostrar o quanto a família está sendo receptiva a Flor e quanto mais vemos este esforço, mais artificial essa receptividade fica e mais ele coloca um abismo entre as duas culturas.

As cenas são construídas para mostrar que a família faz um grande favor ao dar emprego a Flor e isso fica claro com a quantidade de pedidos de desculpa dela ao logo do filme. Exemplo disso é a quantidade de vezes que Flor precisa repetir seu nome para Deborah e a cena não termina enquanto ela não aprende a pronúncia correta, ou seja, uma amostra da submissão dos latinos em relação aos norte-

americanos, prova disso é quando ela diz que o esforço de Deborah é apreciado porque a maioria dos norte-americanos nem sequer tenta falar o nome correto. Butler (1997, p. 116) citado por Nava (2011, p. 28) observa bem como funciona essa dinâmica da subordinação social:

> Submissão e domínio ocorrem simultaneamente e essa simultaneidade paradoxal constitui a ambivalência da subjugação. Embora alguém possa esperar submissão que consiste em produzir uma ordem dominante externamente imposta e marcada por uma perda de controle e domínio, paradoxalmente, é marcada pelo domínio[41].

Outra razão dessa cena precisar de atenção é a comparação infeliz feita por Deborah ao dizer que a pronúncia de Flor é igual a *floor* (piso), dizendo ainda "onde eu caminho", esta é uma e comparação que pode ser mal interpretada, visto a situação em questão de Flor ser uma empregada latina na casa.

Esse filme, apesar de colocar uma atriz hispânica (Paz Vega é espanhola, mas o filme a mostra como mexicana) como protagonista e dar ênfase a ela e a língua espanhola, ainda sim, possui vários estereótipos latinos que estão presentes em todo filme. Além do estereótipo principal, o fato de ela ser a empregada latina de uma família norte-americana, existem alguns outros, como por exemplo o temperamento forte da personagem mostrado em algumas cenas, ela ter sido abandonada pelo marido ou ainda, o fato de ela contentar-se com sua posição social de submissão.

Dentro da característica da submissão e do estereótipo da empregada, a falecida atriz Lupe Ontiveros, descendente de mexicanos, é um exemplo da realidade das atrizes latinas em Hollywood. Embora nascida no Texas e falando inglês nativo, a atriz interpretou em sua carreira pelo menos 150 papéis de empregada. Lupe, muitas vezes, precisou falar com sotaque espanhol para conseguir o papel (VALDIVIA, 2010).

No filme "Spanglish", a personagem Flor não interpreta somente o estereótipo de empregada, mas também é mostrado todas as diferenças que existem entre a cultura latina e a norte-americana, onde a latina está em larga desvantagem, como diz Valdivia (2010, p. 92-93): "a empregada, como um tipo que combina elementos de

---

[41] *Submission and mastery take place simultaneously, and this paradoxical simultaneity constitutes the ambivalence of subjection. Though one might expect submission to consist in yielding to an externally imposed dominant order and to be marked by a loss of control and mastery, paradoxically, it is marked by mastery.*

etnicidade, classe e gênero, tem amplamente, mas não totalmente, entrado para as representações latinas[42]".

Mais um exemplo que foca no preconceito contra a mulher latina é a comédia romântica "E Agora, Meu Amor?" (1997). Esse filme é protagonizado pela atriz mexicana Salma Hayek que interpreta Isabel Fuentes, uma fotógrafa que mora em Las Vegas que descobre que está grávida após um encontro com Alex Whitman, interpretado pelo norte-americano Matthew Perry.

Se por um lado a atriz conquistou o papel principal em um importante filme norte-americano, mesmo falando inglês com sotaque espanhol, por outro lado, ela não conseguiu escapar dos estereótipos de empregada, mulher sensualizada, explosiva e que fala espanhol quando está nervosa.

O início do filme já mostra duas típicas cenas que retratam como os dois países são entendidos um a outro. Ao passo que Alex está em Tóquio a trabalho, vivendo sua rotina no mundo dos negócios e preocupado com suas metas profissionais, Isabel está boiando em um rio de uma área rural no México, enquanto dois meninos da região admiram sua beleza.

No diálogo a seguir, fica claro como é quase impossível que o encontro entre Isabel e os pais de Alex seja natural, sem que existam vários julgamentos acerca do fato de ela ser latina:

Mãe/Pai: *Surprise!*

Alex: *Mom! Dad!*

Pai: W*anted to call first. This was her idea.*

[...]

Isabel: *Alex, who is it?*

Alex: *I got it, hon.*

Pai: *Now that is what I call a housekeeper.*

Mãe: *Did we come at a bad time?*

Alex: *No. She's cleaning the oven, and the fumes are...*

Isabel: *Hi.*

Mãe: *Hello.*

---

[42] *The maid, as a type that combines elements of ethnicity, class, and gender, has largely, but not fully, moved into Latina representations.*

Mãe: *Alex, aren't you going to introduce us?*

Alex: *Yes. Yes. This is...*

Isabel: *Isabel.*

Alex: *Isabel. Right.*

Mãe: *Isabel, it's nice to meet you. I'm Alex's mother, Mrs. Whitman. And this is Mr. Whitman.*

Isabel: *Oh, my God! You're his parents. Oh, my God! Look at me. I'm a mess. It's so great to finally meet you. Please, come in, come in.*

[...]

Mãe: *She is wonderful! There must be a lot of good help around here, being so close to Mexico. Such a warm people.*

[...]

Pai: *Isn't this a company house? You would think they could afford a decent decorator.*

No diálogo acima, pode-se inferir que Alex estava visivelmente envergonhado em ter que apresentar sua esposa Isabel a seus pais. Não existe nenhuma impossibilidade aparente na hesitação dele, além do fato de ela ser mexicana, o que implica uma cultura totalmente diferente da dele e, claro, considerada inferior.

Em uma outra fala, o pai de Alex diz: “isso é o que eu chamo de uma empregada”, fica claro, também, que este já deduziu que Isabel trabalhasse na casa de seu filho somente de olhar para ela e, ao mesmo tempo, ao admirar a beleza dela, reforça-se o estereótipo da latina sensualizada. A própria Isabel mostra isso, em outra cena, quando ela dança uma música latina enquanto faz o almoço.

Existe, ainda, o comentário da mãe de Alex, dizendo que “deve ser fácil encontrar uma empregada em Las Vegas por ser tão próximo do México”. Este comentário discriminatório é o mais pesado e o mais explícito sobre Isabel em todo o diálogo. Nesse momento, ela traduz o pensamento norte-americano sobre como eles enxergam os latinos nos Estados Unidos.

E, no fim do diálogo, o pai de Alex faz uma crítica negativa à mobília da casa, que é decorada de acordo com a cultura mexicana.

Em um outro momento no filme, existe uma discussão cheia de humor e extremamente relevante, entre as duas famílias (o casal e seus respectivos pais) sobre qual seria a “melhor cultura”: a norte-americana ou a mexicana, segue diálogo:

Pai de Isabel: *Where will you live? How will you raise your child?*

Isabel: *We don't know yet.*

Pai de Isabel: *You see?*

Pai de Alex: *Let's start with the economics. They will live in New York… because that's where his job is.*

Pai de Isabel: *And the religion will have to be Catholic.*

Mãe de Alex: *Says who?*

Pai de Isabel: *The mother is Catholic. Whatever the mother is, the baby is.*

Pai de Alex: *And what is the matter with Presbyterian?*

Mãe de Isabel: *Presbyterian is not a religion.*

Mãe de Alex: *I beg your pardon?*

Pai de Alex: *Thomas, Tomas, whatever… this country was founded by people escaping religious persecution. The Whitmans were one of them!*

Pai de Isabel: *When the west was stolen from Mexico… the Fuentes family made a vow… that even though they took our land, they'd never take our culture!*

Pai de Alex: *Culture? You call this culture? Guacamole and a ghetto blaster in the middle of a desert?*

Pai de Isabel: *Now you're offending Amalia's guacamole? What's wrong with Amalia's guacamole?*

Pai de Alex: *In case you haven't noticed… the white people are melting out here!*

Para fechar os exemplos, este último diálogo mostra da forma mais categórica e cristalina como Hollywood vê os latinos e sua cultura. Em uma clara demonstração de desprezo à cultura mexicana dos Fuentes, os Whitmans exibem superioridade em cada palavra e forma de se expressar, por mais que os Fuentes tentem manter impor respeito, as falas do pai de Alex são mais cortantes e maldosas. Ele, ainda, conclui o diálogo com uma declaração racista sobre o fato de ele ser branco, que sem dúvida é uma das origens das diferenças entre os dois lados.

Dessa forma, vemos como o cinema norte-americano aborda, na grande maioria de seus filmes, a língua espanhola, os latinos e sua cultura como um todo.

Claro, que existem filmes tentam respeitar os latinos, por mais difícil que seja agradar a todos.

O diretor norte-americano Steven Soderbergh é um diretor que, muitas vezes coloca atores latinos em seus filmes, preservando suas línguas nativas, sem fazer menção negativa a isso. Como no caso dos filmes biográficos “Che: o Argentino” e “Che: a Guerrilha” (2008). Os filmes retratam o período em que Che Guevara vai do México para Cuba com Fidel Castro e Raul Castro para derrubar a ditadura da ilha. O filme e o diretor são norte-americanos, porém o enredo é cubano e os atores principais, que falam espanhol e inglês, utilizam a língua das personagens reais, o espanhol, dando veracidade à história.

Esse é um dos poucos filmes de Hollywood que é preservado, linguisticamente, o contexto original da história sem ser uma abordagem negativa. Soderbergh, em uma entrevista concedida ao sítio The Guardian em 2008 explica que fazer o filme em espanhol foi uma decisão calculada para que a história fosse a mais real possível:

> A decisão da língua foi feita por duas razões. Uma, autenticidade; e a outra foi que a maior parte da nossa audiência está provavelmente fora dos EUA. Para essas pessoas, fazer o filme em espanhol significa ter um melhor resultado comercial. Mas ao mesmo tempo nenhum dinheiro americano. Então, é um negócio[43].

Dessa forma, é possível observar que, de acordo com o exemplo supracitado, existe a possibilidade de o espanhol ser usado no lugar do inglês, em muitas produções norte-americanas, quando assim se fizer necessário, sem que isso seja motivo de uma abordagem depreciativa da língua. Nesse sentido, cabe mencionar o que Ryan Gilbey, autor do artigo mencionado, escreveu logo no início de seu texto: “existem duas línguas internacionais na indústria cinematográfica - dinheiro é uma, o inglês é outra[44]”.

Assim, como vimos em toda a análise, mesmo o público latino sendo o maior consumidor de filmes nos Estados Unidos (Lee e Johnson, 2009), a realidade é que

---

[43] *The language decision we made for two reasons. One, authenticity; and the other thing was that most of our audience is probably going to be outside the US. For those people, doing it in Spanish was going to get us a better result commercially. But it meant no American money. So it's a trade-off.* (SODERBERGH, Steven. *The Guardian,* 2008).

[44] *There are only two international languages in the film industry – money is one, English the other.* (GILBEY, Ryan. *Sprechen Sie lazy? Why the actors in The Reader should have learnt German? The Guardian*, 2008).

escolher o espanhol em detrimento da língua inglesa é uma opção muito complexa que envolve, como pontuou Soderbergh, outras questões além da artística.

Considerações finais

A língua espanhola sempre foi tratada como sendo uma língua de segunda classe no cinema norte-americano, assim como a cultura latina, os países latinos quando retratados, os atores latinos e seus personagens caricatos, os filmes latinos que não tem audiência nos Estados Unidos e os próprios latinos enquanto comunidade.

A imagem do personagem latino bandido, traficante, violento solidificou-se no cinema porque, de fato, muitos latinos vivem assim dentro da sociedade norte-americana e mostram apenas esse lado que é, claro, repudiado por todos. Dessa forma, uma dissociação é complexa e requer tempo para consertar o que tem por trás disso.

O que há por trás é todo o histórico de imigrantes que vêm de países pobres, pessoas que, muitas vezes, não conseguem agregar positivamente à sociedade norte-americana e caem na marginalidade, tornando-se indesejados pela sociedade e pelo governo.

Quando a língua espanhola é, repetidamente, motivo de zombaria nos filmes ou quando a cultura latina, em alguma de suas vertentes, é menosprezada, como vimos em todos os casos analisados, essa informação não desaparece com o término do filme, ela continua na mente de cada pessoa que assistiu e posteriormente essa mensagem é transformada em referência para suas ações. Essa referência é o estereótipo que nesse caso é negativo e prejudicial para a imagem de todos os latinos envolvidos na produção de filmes em Hollywood, uma classe inteira de profissionais que não consegue trabalhar em decorrência do estereótipo que possuem. Vemos ótimos atores, por exemplo, em papéis insignificantes por causa do sotaque ou da aparência e, muitas vezes, nem chegam a conseguir o papel.

Do outro lado, temos a língua inglesa que é, sem dúvida, a língua mais importante e mais falada do mundo e no cinema, e os filmes em inglês são os mais apreciados e, consequentemente, os mais rentáveis. Com uma língua tão forte e uma indústria cinematográfica tão cultuada, Hollywood resiste em abrir espaço para a segunda língua mais falada do país, e nem mesmo a enorme comunidade latina e os vários atores têm sido suficientes para mudar a forma que os latinos são vistos pelos norte-americanos.

O resultado de todas essas questões é a baixa rentabilidade dos filmes, como Steven Soderbergh ressaltou, atores latinos e língua espanhola não levam o público ao cinema nos Estados Unidos. Contudo, o cinema é uma importante influência para o comportamento social, assim, se os latinos e sua cultura tivessem a chance de serem respeitados na ficção, tal tratamento poderia refletido na sociedade norte-americana.

Referências Bibliográficas

A CHEGADA do Trem na Estação. Direção e produção de Auguste Lumière, Louis Lumière. França. Filme independente, 1895. (1 min.)

A MENTIRA. Direção de Will Gluck. Produção de Zanne Devine. Estados Unidos: Sony Pictures, 2010. (92 min.).

A MEXICANA. Direção de Gore Verbinski. Produção de John Baldecchi. México e Estados Unidos: Universal Pictures, 2001. (125 min.).

CADA Um Tem a Gêmea Que Merece. Direção de Dennis Dugan. Produção de Adam Sandler. Eua: Sony Pictures, 2011. (100 min.).

CARMENCITA. Direção de William K.l. Dickson. Produção de William K.l. Dickson. Estados Unidos: Edison Manufacturing Company, 1894. (1 min.), P&B.

CHE: o Argentino (Parte I). Direção de Steven Soderbergh. Produção de Laura Bickford. França, Estados Unidos e Espanha: Europa Filmes, 2008. (127 min.).

CHE: a Guerrilha (Parte II). Direção de Steven Soderbergh. Produção de Laura Bickford. Estados Unidos e Espanha: Europa Filmes, 2008. (127 min.).

E Agora, Meu Amor? Direção de Andy Tennant. Produção de Doug Draizin. Estados Unidos: Sony Pictures, 1997. (100 min.).

ESPANGLÊS. Direção de James L. Brooks. Produção de Julie Ansell. Estados Unidos: Columbia Pictures, 2004. (131 min.).

EVITA. Direção de Alan Parker. Produção de Alan Parker. Estados Unidos: Disney, 1996. (114 min.).

GIGI. Direção de Vincente Minnelli. Produção de Arthur Freed. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, 1958. (115 min.).

LATIN Lovers. Direção de Mervyn Leroy. Produção de Joe Pasternak. Estados Unidos: Metro-goldwyn-mayer, 1953. (104 min.).

MODERN Family: Fulgencio. Direção de Lev L. Spiro. Realização de Steven Levitan e Christopher Lloyd. Estados Unidos: 20th Century Fox Television, 2013. (22 min.). Temporada 4, episódio 13.

MY Visits With MGM. Direção de Jose Cruz Gonzalez. Estados Unidos: The Bilingual Foundation Of The Arts' Theatre Teatro, 1992.

O EXTERMINADOR do Futuro II: o Julgamento Final. Direção de James Cameron. Produção de James Cameron. Estados Unidos: Universal Pictures, 1991. (135 min.).

O PAGAMENTO Final. Direção de Brian De Palma. Produção de Martin Bregman. Estados Unidos: Columbia Pictures, 1993. (143 min.)

O PODEROSO Chefão. Direção de Francis Ford Coppola. Produção de Albert S. Ruddy. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1972. (175 min.).

O PODEROSO Chefão II. Direção e Produção de Francis Ford Coppola. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1974. (200 min.).

O PODEROSO Chefão III. Direção e produção de Francis Ford Coppola. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1990. (162 min.).

OS BONS Companheiros. Direção de Martin Scorsese. Produção de Irwin Winkler. Estados Unidos: Warner Bros, 1990. (145 min.).

OS INTOCÁVEIS. Direção de Brian De Palma. Produção de Art Linson. Estados Unidos: Paramount Pictures, 1987. (119 min.).

SCARFACE. Direção de Brian de Palma. Produção de Martin Bregman. Estados Unidos: Universal Pictures do Brasil, 1983. (165 min.).

TOY Story 3. Direção de Lee Unkrich. Produção de Darla K. Anderson. Estados Unidos: Disney, 2010. (100 min.).

VICKY Cristina Barcelona. Direção de Woody Allen. Produção de Latty Aronson. Estados Unidos: Imagens Filmes, 2008. (96 min.).

ALGEO, John; BUTCHER, Carmen A. *The Origins and Development of the English*. Boston. Ed. Cengage Learning: 2013.

AYSA-LASTRA, María; CACHÓN, Lorenzo. *Immigrant Vulnerability and Resilience: Comparative Perspectives on Latin American Immigrants During the Great Recession.* Nova Iorque. Ed. Springer: 2015.

BAUGH, Scott L. *Latino American Cinema: An Encyclopedia of Movies, Stars, Concepts, and Trends.* Califórnia. Ed. ABC-CLIO: 2012.

BENSHOFF, Harry M.; GRIFFIN, Sean. *America on Film: Representing Race, Class, Gender, and Sexuality at the Movies*. Oxford. Ed. John Wiley & Sons: 2011.

BERG, Charles Ramirez. *Latino Images in Film: Stereotypes, Subversion, and Resistance*. Texas. Ed. University of Texas Press: 2009.

BERNARDI, Daniel. *The Persistence of Whiteness: Race and Contemporary Hollywood Cinema.* Nova Iorque. Ed. Routledge: 2008.

BLEICHENBACHER, Lukas. *Multilingualism in the Movies: Hollywood Characters and Their Language Choices*. Germany. Ed. Francke A. Verlag: 2008.

BRAUN, Marta. *Picturing Time: The Work of Etienne-Jules Marey (1830-1904)*. Chicago. Ed: University of Chicago Press: 1994.

BREIDENBACH, Carla Maria. Deconstructing Mock Spanish: A Multidisciplinary Analysis of Mock Spanish as Racism, Humor, Or Insult. South Carolina. Ed: University of South Carolina: 2006.

CEPEDA, Maria Elena. *The Routledge Companion to Latina/o Media*. Nova Iorque. Ed. Routledge: 2016.

COBAS, José A.; DUANY Jorge; FEAGIN, Joe R. *How the United States Racializes Latinos: White Hegemony and Its Consequences*. Nova Iorque. Ed. Paradigm Publishers: 2009.

COMEY, Jeremiah. *The Art of Film Acting: A Guide For Actors and Directors.* Massachusetts. Ed. Focal Press: 2013.

COULMAS, Florian. *The Handbook of Sociolinguistics*. Oxford. Ed. Wiley-Blackwell: 1998.

COUTO, Sérgio Pereira. *A Extraordinária História da China.* São Paulo. Ed. Universo dos Livros: 2008.

CROCE, Nicholas. *The History of Film*. Nova Iorque. Ed. Britannica Educational Publishing: 2016.

CRONIN, Michael. *Translation Goes to the Movies*. Nova Iorque. Ed. Routledge: 2009.

CRYSTAL, David. *English as a Global Language*. Oxford. Ed. Cambridge University Press: 2003.

FELDMAN, Robert S. Introdução à Psicologia. Porto Alegre. Ed. AMGH: 2015.

FINKBEINER, Rita; MEIBAUER, Jörg; WIESE, Heike. *Pejoration*. Amsterdam. Ed. John Benjamins Publishing Company: 2016.

FULLER, Janet M. *Spanish Speakers in the USA*. Bristol. Ed. Multilingual Matters: 2013.

GAUDREAULT, André. *American Cinema, 1890-1909: Themes and Variations*. Nova Jersey. Ed. Rutgers University Press: 2009.

GIBBS, Raymond W.; COLSTON, Herbert L. *Irony in Language and Thought: A Cognitive Science Reader*. Nova Iorque. Ed: Taylor & Francis Group: 2007.

GILBEY, Ryan. Sprechen Sie Lazy? Why the actors in The Reader should have learnt German. *The Guardian,* Dez/2008. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/filmblog/2008/dec/30/the-reader> Acesso em 6 dez 2016.

HALL, Stuart. *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. Buckinghamshire. Ed: Sage Publications: 1997.

HARRIS, Richard Jackson; SANBORN, Fred W. *A Cognitive Psychology of Mass Communication.* Nova Iorque. Ed. Routledge: 2014.

HARRIS, Roxy; RAMPTON, Ben. *The Language, Ethnicity and Race Reader*. Londres. Ed. Routledge: 2003.

HILL, Jane H. *The Everyday Language of White Racism*. Oxford. Ed. Wiley-Blackwell: 2008.

HOLTZMAN, Linda; SHARPE, Leon. *Media Messages: What Film, Television, and Popular Music Teach Us About Race, Class, Gender, Sexual Orientation.* Nova Iorque. Ed. M.E. Sharpe: 2014.

HUNTINGTON, Samuel P. The Hispanic Challenge. *Foreign Policy*. Out/2009. Disponível em: <http://foreignpolicy.com/2009/10/28/the-hispanic-challenge/> Acesso em 28 nov 2016.

JARVINEN, Lisa. *The Rise of Spanish-Language Filmmaking: Out from Hollywood's Shadow, 1929-1939*. Nova Jersey. Ed: Rutgers University Press: 2012.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro. Ed: Zahar: 1986.

LEE, Monle; JOHNSON, Carla. *Principles of Advertising: A Global Perspective*. Nova Iorque. Ed. Routledge: 2005.

LIPPARD, Cameron D.; GALLAGHER, Charles Andrew. *Race and Racism in the United States: An Encyclopedia of the American Mosaic, Volume 1*. Califórnia. Ed: ABC-CLIO: 2014.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários.* São Paulo. Ed. Pensamento-Cultrix: 2004.

MONACO, Paul. *A History of American Movies: A Film-by-Film Look at the Art, Craft, and Business of Cinema*. Maryland. Ed. Scarecrow press: 2010.

MONTILLA, Patricia M. *Latinos and American Popular Culture.* Califórnia. Ed. ABC-CLIO: 2013.

MUSSER, Charles. *The Emergence of Cinema: The American Screen to 1907, Volume 1.* Califórnia. University of California Press: 1990.

MYERS, David G. *Psicologia Social.* Porto Alegre. Ed. AMGH: 2014.

NAVA, Steve. *Working the Affect Shift: Latina Service Workers in U.S. Film.* Flórida. Ed. Brown Walker Press: 2011.

NEWELL, John. Spanglish: The Language of Latin Stereotypes. Academia [s.l.] p.1-7, 3 out. 2015. Disponível em: <http://www.academia.edu/16671294/Spanglish_The_Language_of_Latin_Stereotypes>. Acesso em: 4 dez 2016.

NOCHIMSON, Martha P. *Dying to Belong: Gangster Movies in Hollywood and Hong Kong.* Massachusetts. Ed: Blackwell: 2007.

O' LEARY, Anna Ochoa. *Undocumented Immigrants in the United States: An Encyclopedia of Their Experience.* Santa Bárbara. Ed: Greenwood: 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.* Novo Hamburgo. Ed. Feevale: 2013.

RAMOS-GARCÍA, Luis. *The State of Latino Theater in the United States.* Nova Iorque. Ed. Routledge: 2002.

SKLAR, Robert. *Movie-Made America: A Cultural History of American Movies*. New York. Ed. Vintage Books: 1994.

VALDIVIA, Angharad N. *Latina/os in the Media.* Cambridge. Ed. Policy Press: 2010.

WAINBERG, Jacques A. *Línguas Ferinas: um estudo sobre a polêmica e os polemistas*. Porto Alegre. Ed: EDIPUCRS: 2010.

WARDHAUGH, Ronald. *An Introduction to Sociolinguistics*. Oxford. Ed: Wiley-Blackwell: 2010.

WITCZAK-PLISIECKA, Iwona. *Pragmatic Perspectives on Language and Linguistics Volume II.* Newcastle. Ed. Cambridge Scholars Publishing: 2010.

ZINZIUS, Birgit. *Chinese America: Stereotype and Reality: History, Present, and Future of the Chinese Americans.* Nova Iorque. Ed. Peter Lang: 2005.

ZONE, Ray. *Stereoscopic Cinema and the Origins of 3-D Film, 1838-1952.* Kentucky. Ed. University Press of Kentucky: 2014.